

FESTIVAL
**PONTES
PARA
ISTAMBUL**

1 MARÇO > 1 ABRIL 2010

CCB



FOTOGRAFIA
EXPOSIÇÃO

4 **Istambul Perdido**
Ara Güler

VÍDEO-ARTE

9 **Istambul, novas realidades**

LITERATURA

Escritores e Istambul

CONFERÊNCIA

12 **Orhan Pamuk**

COMUNIDADE DE LEITORES

12 **Oriente-Occidente**

LEITURA ENCENADA

13 **Gioconda e Si-Ya-U**

CINEMA

Os filmes e a cidade

15 **Neve**

15 **O Gigante de olhos azuis**
Nâzım Hikmet

15 **Cruzando a ponte**
O som de Istambul

15 **Contos de Istambul**

15 **A pequena cidade**

15 **Nuvens de Maio**

MÚSICA

17 **Istanbul Oriental Ensemble**

18 **Turquesa**
OrchestrUtopica

MÚSICA \ DANÇA

21 **Música para ver, Dança para ouvir** © Keith Therry
KeKeÇa

CCB / FÁBRICA DAS ARTES

22 **Oficinas para crianças e adultos**

Passé Pontes para Istambul

50€

bilhete válido para todos
os eventos do festival

Festival Pontes para Istambul

UM PROJECTO CENTRO CULTURAL DE BELÉM
CONSULTOR PARA O FESTIVAL JOSÉ VIEIRA MENDES

Centro Cultural Belém

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

PRESIDENTE ANTONIO MEGA FERREIRA
VOGAL ANA ISABEL TRIGO MORAIS
VOGAL MARGARIDA VEIGA

ASSESSORA PARA A PROGRAMAÇÃO GABRIELA CERQUEIRA
ASSESSOR PARA A PROGRAMAÇÃO DE LITERATURA JOÃO PAULO COTRIM

CENTRO DE ESPECTÁCULOS

DIRECÇÃO DO CENTRO DE ESPECTÁCULOS MIGUEL LEAL COELHO

ADJUNTA PARA A PROGRAMAÇÃO LUISA TAVEIRA

ADJUNTA PARA O PLANEAMENTO CLAUDIA BELCHIOR

ASSESSORES PARA PROGRAMAÇÃO MUSICAL JOÃO GODINHO | FRANCISCO SASSETTI

ASSISTENTE DE PROGRAMAÇÃO RITA BAGORRO

SECRETARIADO DE DIRECÇÃO LUISA INÉS

DIRECÇÃO DE PRODUÇÃO CARLA RUIZ

PRODUÇÃO INÉS CORREIA | PATRÍCIA SILVA | HUGO CORTEZ | INÉS LOPES

VERA ROSA | JOÃO MIGUEL MARTINS

DIRECTOR DE CENA | COORDENADOR JONAS ÖMREBERG

DIRECTORES DE CENA PEDRO RODRIGUES | PATRÍCIA COSTA

PAULA FONSECA | JOSÉ VALÉRIO

ESTAGIÁRIA FRANCISCA RODRIGUES

SECRETARIADO DE DIRECÇÃO DE CENA YOLANDA SEARA

DIRECTOR TÉCNICO PAULO GRAÇA

CHEFE TÉCNICO DE PALCO RUI MARCELINO

SECRETARIADO DE DIRECÇÃO TÉCNICA SOFIA MATOS

TÉCNICOS PRINCIPAIS PEDRO CAMPOS | LUIS SANTOS | RAUL SEGUIRO

TÉCNICOS EXECUTIVOS ARTUR BRANDÃO | F. CÂNDIDO SANTOS

VÍTOR PINTO | CÉSAR NUNES | JOSÉ CARLOS ALVES | HUGO CAMPOS

MÁRIO SILVA | RICARDO MELO | RUI CROÇA

CHEFE TÉCNICO DE AUDIOVISUAIS NUNO GRÁCIO

TÉCNICOS DE AUDIOVISUAIS RUI LEITÃO | EDUARDO NASCIMENTO | LUIS GARCIA SANTOS

NUNO BIZARRO | PAULO CACHEIRO | NUNO RAMOS

CHEFE TÉCNICO DE GESTÃO E MANUTENÇÃO SIAMANTO ISMAILY

TÉCNICOS DE MANUTENÇÃO JOÃO SANTANA | LUIS TEIXEIRA | VÍTOR HORTA

DIRECÇÃO DE EDIFÍCIOS E INSTALAÇÕES TÉCNICAS

DIRECÇÃO ANTONIO RIBEIRO

SECRETARIADO ISABEL REIS

GESTÃO TÉCNICA DO EDIFÍCIO SÉRGIO CAEIRO

AUDIOVISUAIS CARLOS MESTRINHO | RUI MARTINS

SERVÍCIO DE SEGURANÇA MÁRIO MACIEL | TITO BOUÇAS | PAULO ALBERTO

SERVÍCIO DE GESTÃO DA MANUTENÇÃO JOSÉ NASCIMENTO

GABINETE TÉCNICO NUNO GAMBÓIA | ORLANDO CAIRES

SERVÍCIO DE GESTÃO DE INSTALAÇÕES JOSÉ SANTOS FERREIRA

SECRETARIADO ÁLVARO LEMOS

LOGÍSTICA/MONTAGEM CARLOS MADEIRA | ANTONIO BESTEIRO

ANTÓNIO CARLOS ALVES | ARTUR SEQUEIRA | CARLOS RIBEIRO

DOMÍNGOS FERNANDES | JOAQUIM COELHO

DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO E RELAÇÕES PÚBLICAS

COORDENAÇÃO SOFIA MANTUA

SECRETARIADO DO DEPARTAMENTO SANDRA GRILLO

ORÇAMENTO \ GESTÃO DE CONTEÚDOS ONLINE MANUELA MOREIRA

GESTÃO DE BASE DE DADOS VERA MESTRINHO

GABINETE RELAÇÕES PÚBLICAS

ISABEL ROQUETTE (RESPONSÁVEL) CARLOS MOURA | MIGUEL MARTINS

SECRETARIADO DAS RELAÇÕES PÚBLICAS LÚCIA OLIVEIRA

GABINETE IMPRENSA

SECTOR EDIÇÕES

PRODUÇÃO \ PROMOÇÃO MADALENA FRADE

EDIÇÃO DE TEXTOS ALEXANDRA CAMPOS | MADALENA FRADE | SOFIA MANTUA

REVISÃO DE TEXTOS DULCE REIS

TRADUÇÃO DE TEXTOS MAFALDA MELO SOUSA

GABINETE GRÁFICO

DESIGNERS - PAULA CARDOSO (RESPONSÁVEL)

PAULO FERNANDES | MARISA LOURENÇO

PRODUÇÃO GRÁFICA \ SECRETARIADO SANDRA SALGUEIRO

CCB / FÁBRICA DAS ARTES

COORDENAÇÃO MADALENA WALLENSTEIN

COM MARIA JOSÉ CASTRO E SOLLÁ | TÂNIA GUERREIRO | MANUEL MOREIRA

ANABELA BORGES | ESTAGIÁRIA RITA CRESPO

A PROGRAMAÇÃO DO FESTIVAL PONTES PARA ISTAMBUL

PODE SOFRER ALTERAÇÕES POR MOTIVOS IMPREVISTOS

LISBOA MARÇO 2010



EXPOSIÇÃO
DE FOTOGRAFIA

1 MARÇO > 1 ABRIL

14H>18H

AOS FINS DE SEMANA ENCERRA ÀS 19H
21 MARÇO, DIA MUNDIAL DA POESIA,
A EXPOSIÇÃO ABRE ÀS 11H

GALERIA MÁRIO DE CESARINY

ENTRADA LIVRE

ARA GÜLER
ISTAMBUL
PERDIDO
ANOS 50-60

Figura maior da fotografia turca, Ara Güler, conhecido como "O Olho de Istambul", construiu uma obra única sobre a sua cidade e o seu país.

Ara Güler começou por trabalhar para a imprensa turca e internacional, mas rapidamente ganhou lugar entre os mais consagrados fotógrafos do mundo na famosa Agência Magnum. Construiu a sua vida e obra a partir de viagens e reportagens de uma riqueza e diversidade raras, mas foram as suas imagens de Istambul, cidade onde ainda vive e trabalha, que o tornaram famoso: retratos de uma cidade em movimento, atravessada por uma actividade incessante e habitada por gentes e histórias cheias de uma intensa nostalgia.

O Senhor
de Istambul

A reputação de Ara Güler (Istambul, 1928) precede-o; verdadeira celebridade em Istambul, inspira respeito e curiosidade. Possuidor do talento dos grandes repórteres do passado, homem do mundo, galante e afável, está ciente de ser um dos grandes testemunhos da sua época. Depois de ter dado a volta ao mundo várias vezes e deixado o seu cunho em cada pedra da Turquia, Ara Güler já não gosta de viajar, muito embora viaje a partir de sua casa, graças às visitas que recebe vindas do mundo inteiro. No final da década de 1940, termina, de acordo com a vontade da sua família, os seus estudos em Economia na Universidade de Istambul, hesitando entre o teatro, a pintura e o cinema. Começa paralelamente a fazer fotografia, sem pensar em fazer desta o seu trabalho. "Aquilo que no início não passava de uma actividade fortuita, revelou-se a maior satisfação da minha vida: a descoberta de uma linguagem, de um meio de expressão que já me acompanhava de perto há muito, ignorando completamente as suas potencialidades e, mais importante, a certeza de me poder exprimir por este meio. A confiança surgiu-me de novo com a esperança de ter encontrado, talvez, o meu caminho fora do mundo dos negócios..."¹

Em 1948, aos vinte anos, Ara Güler colabora, como jornalista, no jornal diário Yeni Istanbul e, em seguida, na revista Hayat como fotógrafo. No início da década de cinquenta, a Turquia, tal como o resto do Mediterrâneo, entra numa fase de transição profunda. Ara Güler fotografa Istambul, a Turquia, a Anatólia, locais arqueológicos, as ruínas de Afrodisias, as aldeias... Pertence à geração de fotógrafos turcos que desempenharam um papel fundamental no reconhecimento do seu país no estrangeiro.

Torna-se igualmente correspondente de publicações estrangeiras como a *Time-Life*, que abre um escritório na Turquia, em 1956, *Paris Match*, *Stern*, para as quais faz a cobertura da actualidade: a chegada de celebridades americanas, o naufrágio de Izmit, e sobretudo os acontecimentos políticos como o golpe de Estado militar de 1960. É, para os seus colaboradores internacionais, "Their Man in Istanbul", nas palavras do seu amigo Jimmy Fox². Devido ao seu encontro com Marc Riboud e Henri Cartier-Bresson, começa a trabalhar para a Magnum e multiplica as reportagens até figurar, a partir de 1961, entre os sete melhores fotógrafos do mundo.

Graças à sua personalidade, à sua generosidade e ao seu sentido de hospitalidade, torna-se amigo de fotógrafos que viajam pela região. Partilha o seu conhecimento da cidade, os seus segredos com Riboud, Cartier-Bresson, mas também com Jeanloup Sieff, Mary Ellen Mark, Bruno Barbey, Josef Koudelka, e outros fotógrafos da Magnum, que nunca deixaram de fotografar Istambul. A sua amizade, evocada facilmente por todos, é parte integrante da "humanidade" tão surpreendente no seu trabalho.

Ao longo do tempo, das viagens e das reportagens, Ara Güler reuniu um espólio fotográfico de uma riqueza e de uma diversidade rara, onde o fio condutor é a "condição humana. A atenção, o respeito, uma certa compaixão acompanham sempre a vontade de testemunhar condições de vida e de trabalho. Nas suas imagens de Istambul, misturam-se o amor pela cidade e pelos seus habitantes. O resultado é o retrato de uma cidade em perpétuo movimento, dia e noite, com uma actividade incessante tanto em terra como na água, desde o labirinto das ruelas de velhos bairros às artérias do centro e do Corno de Ouro. Uma cidade que se transforma e que vê desaparecer artesãos, ferreiros, pequenos comerciantes, pescadores... Ao contrário de Berenice Abbott no seu *Changing New York*, não documenta verdadeiramente a modernização da cidade, antes detém-se sobre



o que está a desaparecer na cidade e na sociedade turca. Sente-se algures nas imagens dos anos 50 e 60 a profunda nostalgia que já exortava Ara Güler nessa época.

Em *Istanbul. Souvenirs d'une ville*³, onde arquivos de fotografia acompanham as memórias de infância de Orhan Pamuk, o escritor fala de "hüzün", palavra de origem árabe que significa tanto melancolia, como tristeza, "o sentimento mais forte e permanente de Istambul destes últimos séculos". Esta Istambul, nocturna e enevoada, evoca a Valparaíso enfeitadora de Serge Larraín. O resultado é uma visão da cidade que se destaca não pelos fastosos vestígios do Império Otomano, mas por uma luz diferente, a das calçadas luzidas da chuva, os candeeiros acesos quando a noite cai, os faróis dos automóveis que sobem em direcção a Beyoğlu e os *ferries* a perderem-se no nevoeiro ao longo do Bósforo.

O universo de Ara Güler, extraordinário contador de histórias, é rico em referências extraídas da literatura, da pintura e do cinema, de onde vêm a maior parte dos seus amigos. "O nosso mundo foi criado por artistas, procurei-os por toda a parte e fotografei-os."⁴ Os belos retratos de Chagall, Calder, Bill Brandt, Orson Welles, Elia Kazan, Fellini, Bertrand Russel, Yasar Kemal, Orhan Pamuk, presentes nos arquivos com centenas de outros artistas e intelectuais, revelam um outro aspecto do seu trabalho e do seu talento. Se a obra de Ara Güler está inscrita na grande tradição humanista, o seu realismo poético confere-lhe uma força e uma singularidade particulares. As suas imagens não são apenas uma documentação histórica sobre Istambul.

Com efeito, os seus clichés da cidade habitada pela melancolia, os seus retratos de uma presença surpreendente impõem-no como uma das principais figuras da fotografia do século passado. Actualmente, Ara Güler dedica-se a transmitir a mensagem da sua "Istambul perdida" através de livros e exposições que não cessam de o consagrar. Desde o Café Ara (café instalado no rés-do-chão da casa onde cresceu), olha divertido o mundo que se move à sua volta, os visitantes a sucederem-se e a sua notoriedade prosperar.

¹ Escreveu na revista *Camera* a Roméo Martinez, em 1962.
² Jimmy Fox, antigo chefe de Redacção da *Magnum Photos*, de 1974 a 2000.
³ *Homenagem a Ara Güler* pelo seu 70.º aniversário, publicado por Ilker Maga, Edições M. Istambul.
⁴ *Istanbul. Souvenirs d'une ville*, Orhan Pamuk, Gallimard, 2003.
⁵ *Le photographe d'Istanbul, Ara Güler*. Um filme de Erdal Buldu e A. Ozül Savisci.

LAURA SERANI COMISSÁRIA DA EXPOSIÇÃO

Exposições individuais (selecção)

- 2003 *Ara Güler – Fotografien 1950-1994*. FFI, Frankfurt, Alemanha
- 2001 *Ara Güler's Istanbul*. Huckleberry Gallery, Londres
- 2000 *Fotographien van Ara Güler*. Hamburgo, Alemanha
- 1997 *Ara Güler. Regard sur Istanbul 1950-1990*. Centre Culturel Una Volta. Bastia. Córsega
- 1995 *Ara Güler*. Landes Museum, Düsseldorf
- 1993 *The Movie World of Ara Güler*. Ankara International Film Festival.
- 1992 *Ara Güler*. The Marmara Exhibition Room, Istanbul.
- 1991 *Strasbourg through the Eyes of Ara Güler*. MAMCS, Estrasburgo
- 1989 *The Classical Period 1950-1971*. Press Museum, Istanbul
- 1980 *Ara Güler*. Kunst Gallery Turkei. Stuttgart, Alemanha
- 1975 *Creative Americans*. American Information Center, Istanbul

Exposições colectivas (selecção)

- 2008 *Magnum Photos 60 years*. Stedelijk Museum, Amsterdão
- 2005 *Urbane Realitäten – Fokus Istanbul*. Martin-Gropius-Bau, Berlim
- 1992 *Mimar Sinan*. Exposição Universal, São Francisco
- 1986 *Ara Güler, Sharon Gwynap, Sarkis*. Eye Gallery, São Francisco
- 1977 *Creative Americans*. American Center, Karachi/Lahore, Paquistão
- 1972 *5 Photographes*. Bibliothèque Nationale de France, Paris

Bibliografia (selecção)

- 2008 *A Photographical Sketch on Lost Istanbul*, 7.ª edição. Edições Dünya
- 2002 *Yeryüzünde Yedi İz*. Yapi Kredi Publications, Istanbul
- 2001 *Istanbul Des Djinns*. Éditions Fata Morgana, Montpellier
- 2000 *Sinan, l'architecte de Soliman le Magnifique*, Edições Artaud
- 1991 *Demeures ottomanes de Turquie*, Albin Michel
- 1989 *The Movie World of Ara Güler*
- 1980 *Ara Güler*, Photographs, Karacan Press

A EXPOSIÇÃO ARA GÜLER LOST ISTAMBUL – 1950S AND 60S, FOI PRODUZIDA E APRESENTADA EM PARIS EM SETEMBRO DE 2009 POR IKSIV (ISTAMBUL KÜLTÜR SANAT VAKFI) NO ÂMBITO DA TEMPORADA DA TURQUIA EM FRANÇA, COM O APOIO DE CULTURESFRANCE, DA CÂMARA MUNICIPAL DE PARIS E DE LA MAISON EUROPÉENNE DE LA PHOTOGRAPHIE EM PARIS.



© ARA GÜLER / KARAKÖY, 1959



Istambul, novas realidades

1 MARÇO > 1 ABRIL
14H>18H

AOS FINS-DE-SEMANA ENCERRA ÀS 19H

NO DIA 21 DE MARÇO — DIA MUNDIAL DA POESIA, ABRE ÀS 11H

GALERIA MÁRIO DE CESARINY

ENTRADA LIVRE

VÍDEO-ARTE

MEMORY OF A SQUARE
Gülsün Karamustafa

THE SECOND BRIDGE
Cevdet Ereğ

PARK CAGES
AUTO PARK – THE HIGHWAY
PARKS OF ISTANBUL
Osman Bozkurt

HEADLESS WOMAN
Níl Yalter

Um conjunto de artistas turcos contemporâneos reflectem sobre a relação entre a arte e a arquitectura em Istambul e a situação da mulher na sociedade turca.



Única cidade do mundo que liga dois continentes, Istambul é a ponte entre o Oriente e o Ocidente. Capital de um império com mais de 500 mil anos de existência, a cidade foi palco de grandes transformações ao longo dos séculos, fruto de tensões políticas, religiosas e sociais e cujo legado para o mundo contemporâneo é uma grande riqueza cultural.

No decurso do processo de globalização, a autoridade dos estados-nação entra em declínio, para dar lugar à emergência de cidades que se afirmam como os centros de uma nova ordem, com uma autonomia acrescida. As "Cidades Globais", tais como Londres, Nova Iorque ou São Paulo, ultrapassam as fronteiras da sua geografia e tornam-se os novos centros do poder: poder financeiro, económico e também cultural e artístico.

Istambul afigura-se uma cidade/território que pelo crescimento urbano e populacional se posiciona como uma das futuras mega/multicidades. Pese embora o elevado nível de illiteracia da sua população, uma oferta turística pouco qualificada e uma instabilidade económica no limite da sobrevivência é na sua configuração multicultural e na sua dinâmica vivencial um novo destino a ter em conta. Testemunho recente destes factos é o crescente interesse da Europa em acelerar o processo de integração da Turquia na União Europeia.

Com a estabilidade política alcançada nos anos 80 a cidade "explode" em termos demográficos e geográficos e dá assim os primeiros passos para a integração no mundo global. Cobrindo cerca de 5,500 quilómetros quadrados nas duas margens do Bósforo e com uma população de cerca de 13 milhões de habitantes (existindo um fluxo migratório diário de cerca de mil pessoas, sobretudo jovens), a cidade vai sofrer transformações estruturais inevitáveis, a nível social, cultural e económico.

É também a partir deste momento que se inicia o processo de renovação urbana; a construção da segunda ponte sobre o Bósforo, as novas auto-estradas e avenidas; o metropolitano; um segundo aeroporto internacional e ainda a abertura de novas docas e portos na costa asiática. As áreas industriais são relegadas para as periferias. É junto aos centros históricos e nas zonas mais qualificadas da cidade que se instalam os centros de negócio, os bancos, as grandes cadeias hoteleiras na expectativa de acolher as "elites financeiras e económicas".

Auto-estradas cruzam agora os centros históricos e a classe média/alta vê-se obrigada a deixar de habitar o centro da cidade para se instalar em zonas residenciais planeadas, nas periferias. São as novas cidades-satélite de Istambul que proporcionam segurança mas isoladas socialmente. O planeamento urbano procura responder à estrutura socioeconómica. Preserva-se o coração da velha cidade ao mesmo tempo que se procura torná-lo atractivo ao mundo financeiro e turístico. Instala-se o comércio de qualidade, as *boutiques* da moda, os clubes de música, os restaurantes especializados procurando dar satisfação ao novo estilo de vida.

Enquanto as camadas mais abastadas da sociedade passam a viver nas cidades-satélite, os novos subúrbios, os emigrantes que se deslocam das zonas rurais para a cidade vão ocupar todas as zonas intersticiais passíveis de se tornarem "abrigos". Grandes áreas de bairros pobres, ilegais, estendem-se desde as zonas industriais até ao coração da cidade, junto aos arranha-céus e às zonas residenciais. Os "gecekondus" (construídos durante a noite) são formações arquitectónicas clandestinas, irreconhecíveis. O planeamento é ultrapassado pela "construção real". As tensões entre o público e o privado acentuam-se, com a consequente fragmentação social. O espaço urbano desagrega-se dando origem a conflitos.

É dentro destas condicionantes que os habitantes de Istambul organizam a sua vida na cidade e expressam as suas necessidades. Entretanto, esta megacidade é extremamente vibrante, com uma organização própria com todos os problemas de poluição e tráfego idênticos aos das principais capitais do mundo.

A escolha dos projectos em exposição é o testemunho do diálogo enriquecedor que vem acontecendo entre artistas, arquitectos, urbanistas, *designers*, investigadores e especialistas que, operando e reflectindo sobre a cidade, são um contributo importante para a redefinição de novas propostas. Compreender a elasticidade do sistema urbano, como é ocupado o espaço público e como se manifestam os indivíduos na sua privacidade.

MARGARIDA VEIGA

Memory of a square

2005 \ 17'40"

No seu trabalho de 2005, *Memory of a Square (as seen from inside)* – [Memória de Uma Praça (vista do interior)], a artista utiliza dois ecrãs de projecção, equilibrando memórias públicas e privadas. Os golpes militares de 1960, 1969, 1971 e 1980, os primeiros incidentes de Maio e a demolição de três edifícios da viragem do século, podem ser vistos a partir da memória da Praça, acompanhado pela banda filarmónica municipal, em 1985. Um espaço interior e outro exterior são exibidos simultaneamente de modo a revelar uma interacção no espaço público. Gülsün Karamustafa, que encara a Praça Taksim como o centro simbólico de Istambul, sobrepõe os estados íntimos de um espaço doméstico com as memórias de um espaço público. Através da realidade e da ficção, os ecos do passado são atualizados e renovados recorrendo a gravações documentais e a cenas fictícias.

Gülsün Karamustafa

Formou-se na Academia de Belas Artes do Estado de Istambul, no Departamento de Pintura, na classe de Bedri Rahmi Eyüboğlu, em 1969, trabalhando como assistente e professora na Escola Pública de Belas-Artes de Istambul a partir de 1975. Abandonou o cargo em 1982 para se dedicar a uma carreira independente. Até 1985, Karamustafa trabalhou em duas áreas, nomeadamente pintura – que executa recorrendo sobretudo a técnica mista – e ilustração para livros e revistas. Em seguida, dedica-se à direcção de arte e depois à realização. Nos primeiros trabalhos de Karamustafa, a incerteza dos valores gerados pelo fenómeno da migração é representada graficamente, num estilo ilustrativo e ornamentado que recorre a imagens populares e a objectos *kitsch*. Os seus trabalhos e instalações de vídeo focalizam-se frequentemente na memória e história da Turquia. Tal como um arqueólogo, a artista escava nas areias do tempo e descobre vestígios de modo a consolidar a fugacidade da memória, independentemente da sua fragilidade.



The second bridge

2003 \ 3.' VERSAO

A segunda ponte construída sobre o Bósforo em 1987 é uma das ligações mais importantes entre a Ásia e a Europa. Esta data coincide com o forte crescimento de Istambul e a construção das torres de escritórios no centro da cidade. Cevdet Ereğ procura interpretar as transformações operadas no espaço urbano após a construção da nova ponte e as alterações na envolvente, através de imagens, som, movimento e ritmo.

Cevdet Ereğ

Nascido em Istambul em 1974, formou-se em Arquitectura na Universidade de Belas-Artes Mimar Sinan, Istambul. Fez o doutoramento no Centro MIAN da Universidade Técnica de Istambul, em Engenharia e Design de Som pelo de Advanced Studies in Music, Istambul (2000-2004). Arquitecto, compositor e artista, o seu trabalho combina várias técnicas; vídeo, som e imagem, procurando alterar a percepção e a experiência do lugar. Na sua pesquisa utiliza referências arquitectónicas e urbanísticas, do público ao privado, e usando variações de escalas, explora os vários sentidos com efeitos especiais de som e imagem. Expôs em: Platform Garanti (2005), Martin Gropius Bau, Berlim (2005), Art Museum da Estónia, Tallinn, Living Art Museum, Reiquiavique, Islândia (2006), e no Stedelijk Museum em Amesterdão (2006).

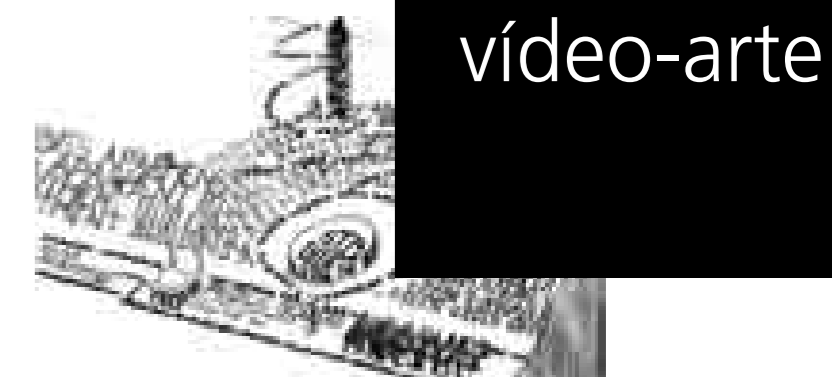
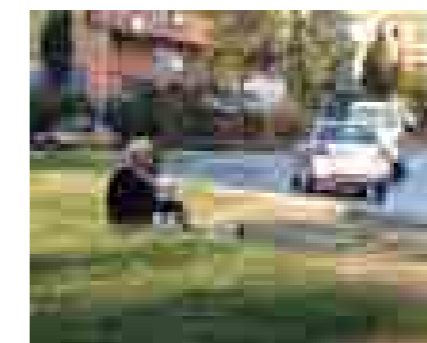
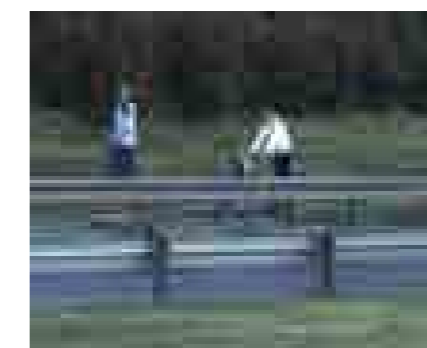
Auto park The Highway Parks of Istanbul

2003 \ 15' 30"

O documentário aborda o uso extremamente perigoso de pequenos espaços verdes situados no meio das faixas de auto-estradas dentro da cidade de Istambul e que os residentes ocupam como espaços de lazer e convívio e dos quais não abdicam por não terem acesso a qualquer outro espaço, no exterior.

Osman Bozkurt

Nascido em Istambul em 1970, Osman Bozkurt formou-se em fotografia pela Mimar Sinan University de Istambul em 1994. Ensinava fotografia digital na Faculdade de Arte e Design da Universidade Técnica de Yildiz desde 2001. Co-fundador do colectivo PIST/// Interdisciplinary Project Space, 2006, é ainda co-editor de *List, Istanbul contemporary art list* desde 2007. Vive e trabalha em Istambul. Expõe internacionalmente desde 2004. Bozkurt utiliza a fotografia e o vídeo para instigar uma memória cívica e testemunhar as complexidades subliminares os paradoxos esquecidos da vida em Istambul. Ao catalogar os espaços sobrepovoados que se situam entre as competências pública e privada, as suas cenas da vida quotidiana são humildes retratos diários carregados de indignação política.



vídeo-arte

9

Park cages

2002-2004/2010

Desde 1980 que a cidade de Istambul tem sido objecto de grandes intervenções urbanas e arquitectónicas. O trabalho dos arquitectos Sahinler incide sobre as relações entre os espaços público e privado, as questões sociais e a fragmentação das estruturas urbanas, o vídeo *Park cages* refere-se à privatização da faixa costeira do Bósforo através da expropriação ilegal de terrenos e às novas construções que destroem a continuidade da paisagem e do espaço urbano.

Murat Sahinler Fuat Sahinler

Murat nasceu em Istambul em 1961, vive e trabalha em Istambul e Amesterdão. Sahinler também nasceu em Istambul em 1959, vive e trabalha em Istambul. Filhos do arquitecto Sahinler, autor do edifício da Embaixada da Turquia, em Lisboa, os irmãos Murat e Fuat Sahinler trabalham separadamente ou em conjunto, participando em *workshops* e exposições. Fuat estudou arquitectura na Academia de Belas-Artes, Istambul e Murat estudou escultura na Academia de Belas-Artes de Istambul e design urbano na Academia de Utrecht. Colabora no Colectivo Independent Fake Movement. O duo trabalha com artistas, arquitectos, escritores, compositores e filósofos e o objecto de pesquisa é a transformação urbana, a privatização, a fragmentação do espaço público e as tensões entre o público e o privado. Tem participado em diversas exposições internacionais – 7.º Bienal Internacional de Istambul (com Ahmet Soysal), 2001; Urban Reviews, ifa gallery, Berlim e Estugarda, 2004; Dynamics of the Urban Culture, 9.º Bienal de Havana, 2006; Wandering Lines: Towards a New Culture of Space, 5.º Scape Bienal de Arte no Espaço Público, 2006.



Headless woman

FRANÇA \ 1974 \ 20'

A Dança do Ventre ou *a Mulher sem Cabeça*, 1974 é o primeiro vídeo realizado por Níl Yalter. Yalter aponta a câmara para o seu umbigo. Forma-se um caminho estreito entre o umbigo e a câmara. Depois, durante quase uma hora, vai escrevendo no seu ventre uma espiral crescente de palavras, à volta da pequena marca deixada pelo cordão umbilical desaparecido, uma metáfora sobre a perda de identidade das mulheres. O ventre onde as palavras estão escritas começa a mover-se e só a parte central do corpo aparece no ecrã, o centro do seu equilíbrio. Este trabalho em vídeo é uma crítica à posição social a que as mulheres turcas foram sujeitadas. O trabalho propõe, de igual modo, a desconstrução do cliché da dança do ventre enquanto expressão da cultura turca. Em *Headless Woman* ("Mulher sem Cabeça"), Yalter mistura fantasias orientais masculinas sobre as mulheres que reivindicam os seus direitos, escrevendo com um marcador as palavras de um manifesto feminista à volta do seu umbigo, enquanto executa a dança do ventre.

Níl Yalter

Nascida no Cairo (Egipto) em 1938, no seio de uma família turca, e cresceu em Istambul, onde estudou Belas-Artes. Muda-se para Paris em 1965, hoje onde a sua obra é reconhecida como pioneira da instalação e do vídeo. Foi responsável pelos cursos de vídeo na Universidade de Paris I, entre 1980 e 1995. Realiza vídeos e instalações desde 1973 e trabalha também em computador 2D e 3D, desde os anos 80. As suas obras têm sido apresentadas na Europa, Turquia, Taiwan e Estados Unidos da América e encontra-se representada em várias colecções internacionais, FNAC – Paris, Long Beach Museum of Art – Califórnia. Aborda temas sobre a condição feminina, o nomadismo das comunidades turcas emigradas e as questões do exílio.

Escritores e Istambul

Hüzün Melancolia de uma cidade

A palavra *Hüzün*, de origem árabe, encontra-se em dois versículos do Corão, num sentido próximo do turco actual; além disso, encontra-se na forma *hazen* em três outros versículos. A expressão *senetül hüzün* (ano da tristeza) para qualificar o ano da morte de Hatice e de Ebu Talip – respectivamente mulher e tio paterno de Maomé – atesta, tal como a dimensão espiritual da palavra, um sentimento que se enraíza numa perda que aflige profundamente.

(...) esforço-me por falar não da melancolia de Istambul, mas do *hüzün* (muito próximo da melancolia), um sentimento interiorizado com orgulho e ao mesmo tempo partilhado por toda uma comunidade. Tal significa ter a capacidade de ver os locais e os momentos em que o próprio sentimento se mistura ao ambiente que o comunica à cidade. Falo dos fins de tarde que chegam cedo, dos pais que voltam para casa de saco de plástico na mão, sob os candeeiros de rua dos bairros afastados. Falo também dos alfarrabistas idosos que, depois de mais uma crise económica esperam o cliente todo o dia, arrepiados de frio na sua loja, falo dos barbeiros que se queixam de que, depois das crises, as pessoas se barbeiam menos vezes; falo dos marinheiros que, de balde na mão, limpam os velhos *vapur* do Bósforo amarrados aos embarcadouros desertos, com um olho virado para o pequeno televisor a preto e branco colocado um pouco mais longe, antes de mergulharem no sono dentro do barco; falo das crianças que jogam à bola nas ruas estreitas e empedradas, por entre os carros; falo das mulheres de lenço islâmico que, de saco plástico na mão, esperam em silêncio, numa paragem perdida, um autocarro que decididamente não chega; falo dos estaleiros de caiques vazios dos antigos *yah*, dos cafés a abarrotar de desempregados, dos proxenetes pacientes que, nas noites de Verão, deambulam pelos passeios com a esperança de encontrarem um turista bêbado na maior praça da cidade.

Falo das multidões que, nas noites de Inverno, se apressam para não perderem o *vapur*, das mulheres que, esperando o marido que nunca mais chega, entreabrem as cortinas para espreitarem para a rua; falo dos velhos de turbante que vendem nos pátios das mesquitas opúsculos religiosos, rosários e unguentos de peregrinos; falo das entradas de dezenas de milhares de prédios que se parecem desesperadamente, das construções de madeiras transformadas em edifícios municipais – noutros tempos eram *konak* dependentes do Palácio, cada tábuca do seu soalho gemia ruidosamente ao mais pequeno passo; dos baloiços partidos nos parques desertos, das sereias dos *vapur* no nevoeiro, das muralhas da cidade, herdadas de Bizâncio, num estado de decrepitude avançado, dos lugares de mercado que se esvaziam à noite, dos antigos *tekke* agora em ruínas, das dezenas de milhares de prédios com as fachadas escurecidas pela poluição, a ferrugem, a

fuligem e o pó, das gavotas que se mantêm imóveis debaixo de chuva, empoleiradas nos pontões ferrugentos cobertos de mexilhões e de espuma, dos enormes *konak* seculares que lançam por uma única chaminé um fio de fumo apenas visível nos dias mais frios do ano, das chusmas de homens pescando na ponte de Galata, das grandes salas frias das bibliotecas, dos fotógrafos ambulantes, do cheiro de mau hálito das salas de cinema, dantes sumptuosas e de tetos dourados, transformadas em locais de projecção de filmes pornográficos onde os homens entram todos envergonhados. Das avenidas onde não se vê uma mulher depois do pôr do Sol; das multidões apertadas, nos dias quentes e ventosos, às portas do bairro das prostitutas controladas pelo município, das mulheres jovens que fazem bicha à entrada das lojas em que a carne é mais barata, das lâmpadas fundidas das grinaldas luminosas estendidas entre os minaretes nos dias de festas religiosas, dos cartazes murais rasgados e enegrecidos aqui e ali, das ruas sujas da cidade que teria sido transformada num museu se estivéssemos num país ocidental, dos carros americanos dos anos cinquenta, utilizados como táxis colectivos, gemendo e chiando atrozmente de cansaço nas subidas íngremes, das multidões que enchem a deitar por fora os autocarros, das mesquitas a que roubam constantemente os revestimentos e os algerozes de chumbo, dos cemitérios que vivem no coração da cidade, com os seus ciprestes, à semelhança de um mundo paralelo, das lâmpadas mortificadas acesas à noite no interior dos *vapur* de serviço entre Kadıköy e Karaköi, das crianças pequenas que tentam vender lenços de papel a todos os transeuntes, das torres com os seus relógios para onde ninguém olha, da pancada que as crianças levam em casa à noite, assim como das vitórias otomanas que elas lêem nos seus livros de história, da espera temerosa dos “empregados” aquando dos períodos de recolher obrigatório decretados frequentemente a pretexto de um recenseamento eleitoral qualquer, de um censo da população ou de uma busca de terroristas, do correio dos leitores comprimido num cantinho dos jornais – e que ninguém lê – com frases do tipo “a cúpula da mesquita do nosso bairro, com mais de trezentos e setenta anos, ameaça ruir; o que faz o Estado?”; das escadas das passagens subterrâneas ou aéreas com os degraus partidos – de cada vez num sítio diferente – nos lugares mais frequentados da cidade, do homem que vende postais ilustrados de Istambul sempre no mesmo sítio, há quarenta anos, dos pedintes que nos aparecem à frente surgidos dos cantos mais improváveis e dos mendigos que, sempre no mesmo local, nos dizem todos os dias as mesmas palavras, do cheiro forte a latrina que nos sobe ao nariz das casas de banho nas avenidas populosas, nos *vapur* e nas passagens, das jovens que lêem a coluna “Güzin Abila”* do jornal *Hürriyet*, do pôr do Sol que tinge de um vermelho alaranjado as janelas de Üsküdar, das madrugadas em que toda a gente dorme menos os pescadores que saem para o mar, dos três gatos que morrem de tédio e das duas cabras engaioladas num lugar que nem se quer se pode chamar jardim zoológico, no parque de Gülhane, cantores de terceira categoria imitando em sórdidos bares nocturnos as estrelas da *pop* turca e os cantores americanos, e também cantores de primeira categoria, alunos que morrem

de tédio nas intermináveis aulas de inglês em que, ao longo de seis anos, só aprendem a dizer “yes” e “no”, migrantes que esperam no cais de Galata, lindas mulheres de véu que nos fins de tarde de Inverno, envergonhadas – no momento em que os feirantes começam a desmontar as bancas e a arrumar as mercadorias – negociam tudo o que resta: legumes, frutas, detritos, papéis, sacos de plástico, caixas, restos de cestos; falam das jovens mães que vão penosamente pela rua com os seus três filhos, da vista para o Corno de Ouro quando, da ponte de Galata, se olha na direcção de Eyüp, dos vendedores de *smi* de plantão no cais, à espera de cliente, perdidos na contemplação da paisagem; das sereias dos *vapur* que soam todas ao mesmo tempo ao longe, todos os anos, quando a cidade observa respeitosamente um minuto de silêncio, com fé, em memória de Atatürk; das fontes de bairro centenárias transformadas em montes de mármore com as torneiras arrancadas, essas mesmas fontes que agora estão rebaixadas abaixo do nível das ruas por causa das sucessivas camadas de asfalto generosamente amontoadas nos pavimentos de pedra – quando dantes se subia para a fonte por um lanço de escadas; das raparigas que, pelos salários mais baixos da cidade, trabalham por vezes até de manhã para terminarem a tempo uma encomenda, em máquinas de costura que agora se amontoam em apartamentos dos blocos das ruas adjacentes – e onde, na minha infância, à noite, as mulheres e os filhos das famílias das classes médias (médicos, advogados, professores) ouviam rádio, falo do aspecto gasto e arruinado de tudo; da cidade em peso contemplando a aproximação do Outono, as cegonhas vindas dos Balcãs, da Europa de Leste ou do Norte, e que, nas suas viagens para o sul, passavam por cima do Bósforo e das Ilhas dos Príncipes, e falo das multidões de homens que voltavam para casa fumando freneticamente depois dos desafios da selecção nacional que se saldavam sempre em severas derrotas quando eu era criança.

*Güzin Abila: célebre e maternal “conselheira conjugal e afectiva” da imprensa popular turca (*Hürriyet*). Os seus artigos são concebidos sob a forma de respostas às perguntas enviadas pelos leitores, sobretudo leitoras. (N7)

EXCERTO DE *ISTAMBUL, MEMÓRIAS DE UMA CIDADE* DE ORHAN PAMUK. TRADUÇÃO DE FILIPE GUERRA, EDITORIAL PRESENÇA, 2008

CONFERÊNCIA

8 MARÇO 18H SEGUNDA
SALA DE LEITURA SALA JORGE DE SENA
 ENTRADA LIVRE

**ISTAMBUL,
 CAPITAL
 DE PAMUK**

**POR JOSÉ
 RIÇO DIREITINHO**

José Riço Direitinho apresenta a obra literária do Prémio Nobel da literatura.

COMUNIDADE DE LEITORES

10 > 12 MARÇO
18H>20H QUARTA > SEXTA
SALA DE LEITURA SALA JORGE DE SENA
 ENTRADA LIVRE

**ORIENTE-
 -OCIDENTE**

**POR ALEXANDRA
 LUCAS COELHO**

Alexandra Lucas Coelho traça rotas literárias entre o Oriente e Ocidente através das obras de Pamuk e Hikmet.

LEITURA ENCENADA

12 MARÇO 21H SEXTA
PEQUENO AUDITÓRIO
SALA EDUARDO PRADO COELHO
 M / 6 ANOS
BILHETES ■ 5€
PASSE PARA TODOS OS EVENTOS DO FESTIVAL PONTES PARA ISTAMBUL > 50€

**GIOCONDA
 E SI-YA-U**

**DE NÂZIM HIKMET
 POR ANDRÉ E. TEODÓSIO**

ANDRÉ E. TEODÓSIO TRADUÇÃO E LEITURA

O actor/encenador André e. Teodósio apresenta uma leitura encenada de *Gioconda* e *Si-Ya-U* da autoria do grande poeta turco Nâzim Hikmet.



NÂZIM HIKMET (Fotografia gentilmente cedida por Nâzim Hikmet Culture and Art Foundation)

Capital de Pamuk

A obra de Orhan Pamuk explora as idiossincrasias muito próprias de Istambul, a cidade que se estende por dois continentes que uma ponte une, a personagem que teima em lhe habitar os livros e que ele tornou mais “real” resgatando-a às sombras do passado. Istambul está para Pamuk como Paris está para Proust ou Buenos Aires está para Borges. Ele colocou-a no mapa da literatura contemporânea.

Orhan Pamuk

ISTAMBUL \ 1932

Orhan Pamuk, que chegou a frequentar arquitectura, foi o primeiro turco a receber o Prémio Nobel da Literatura, em 2006, mas há muito que era reconhecido internacionalmente, tendo recebido inúmeros prémios e convites das mais prestigiadas instituições, e com traduções disponíveis nas principais línguas. Em português, podemos encontrar, entre outros, o primeiro romance, *A Cidadela Branca* (Presença, 2000), passando pel’ *Os Jardins da Memória* (Presença, 2006), grande sucesso que originou um filme, realizado por Ömer Kavur, até esse relato extraordinário do pulsar da sua cidade e tema de eleição, *Istambul: Memórias de Cidade* (Presença, 2008). Como bem notou a Academia Sueca na sintética justificação do Nobel, “Em busca da alma melancólica da sua cidade natal, Pamuk encontrou novos símbolos para retratar o choque e o cruzamento de culturas”. O universo que foi tecendo, obra após obra, impõe-se como gigantesca máquina produtora de símbolos, de personagens e cenários, todos inevitavelmente nascidos desse cruzamento de mundos que Istambul continua a ser. Pamuk, que tem sido nos últimos anos a principal voz da causa curda e da defesa dos direitos humanos no seu país, corre agora o risco de se tornar personagem literária à maneira de Borges: tem em preparação um “Museu da Inocência” que dê a ver algumas das peças do mais banal quotidiano (pássaros empalhados, triciclos, beatas de cigarros, bilhetes de lotaria, etc.) que foi recolhendo, ao longo da última década em que foi escrevendo, aquele que é também uma homenagem à ideia de Museu, o romance intitulado, precisamente, *Museu da Inocência*.

José Riço Direitinho

LISBOA \ 1965

É licenciado em Agronomia. Escreveu dois romances e três livros de contos que estão traduzidos em várias línguas. Actualmente é colaborador do suplemento “Ipsilon” (*Público*) e da revista *LER*.



Oriente-
 -Ocidente

Em que mundo estamos no meio do Bósforo? De um lado a Europa, do outro a Ásia. Uma tensão milenar que atravessa as obras do romancista Orhan Pamuk e do poeta Nâzim Hikmet, os dois grandes nomes da literatura turca dos séculos XX-XXI. Nesta comunidade de leitores vamos navegar entre Oriente e Ocidente.

Alexandra Lucas Coelho

Nasceu em Dezembro de 1967, em Lisboa. No *Público*, editou os suplementos “Leituras” e “Mil Folhas”, coeditou a Cultura e actualmente integra a equipa Grandes Repórteres. Desde 2001 tem viajado regularmente pelo Médio Oriente e Ásia Central. Publicou os livros *Oriente Próximo* (Relógio d’Água, 2007), narrativas jornalísticas entre israelitas e palestinos, e *Caderno Afegão* (Tinta-da-China, 2009), um diário de viagem no Afeganistão.



Nâzim Hikmet

SALÓNICA \ 1902 > MOSCOVO \ 1963

É considerado o renovador da poesia turca moderna. Combateu na resistência armada de Mustafa Kemal, altura em que forjou uma consciência política que o aproximará do partido comunista. Moscovo será a sua segunda cidade, onde completou os estudos, na década de 1920, tentando depois por várias vezes regressar ao seu país, mas acabando sempre por se ver obrigado a fugir do regime repressivo que governou a Turquia grande parte do século XX. Foi mesmo preso em 1938, e por mais de uma década, onde compôs o essencial de uma obra que, apesar de confinada aos muros de uma prisão no interior, não deixa de reflectir os problemas do seu tempo. Na sequência da ligeira abertura causada pelo fim da Segunda Guerra Mundial e da greve de fome em que expôs, com impacto internacional, a iniquidade judiciária, foi libertado em 1950. Com reputação firmada e travando amizade com figuras como Pablo Neruda ou Louis Aragon, escolhe o exílio que o fará viajar por todo mundo, a partir de Moscovo. Continua a escrever, exigindo liberdade no contexto do movimento socialista e denunciando os excessos da burocracia. Se no início a sua principal influência foi a poesia futurista russa de Maïakovski e Meyerhold, a voz de Hikmet mergulhou nas mais profundas raízes da tradição popular turca, na oralidade do campo e das cidades, misturando como poucos o Oriente e o Ocidente, a rua e o pensamento. Após a sua morte, os seus livros tornam-se verdadeiros *best-sellers*. Entre nós, encontra-se disponível o romance, *Os românticos: a vida é bela, meu velho...* (Caminho, 1985), e a antologia *Poemas da Prisão e do Exílio* (& etc, 2000).

André e. Teodósio

Nasceu em Lisboa em 1977 e viveu algum tempo nos Estados Unidos da América (época Clinton). É membro do Teatro Praga (a companhia mais megalopsíquica™ de todos os tempos). Frequentou o Conservatório Nacional de Música, a Escola Superior de Música e a Escola Superior de Teatro e Cinema, locais onde aprendeu muito pouco. Foi membro do Coro Gulbenkian (onde sofreu durante largos anos), da companhia de teatro Casa Conveniente, e colabora assiduamente com a companhia de teatro Cão Solteiro. Individualmente, encenou os seguintes espectáculos: *Três mulheres*, de Sylvia Plath e *Diário de um louco*, de Nikolai Gogol, *Super-Gorila* e *Supernova* co-criados com José Maria Vieira Mendes e André Godinho, *Gesamtnachwerk*, e as óperas *Riders to the Sea* de Vaughan Williams, *Metanoite* de João Madureira e *Outro Fim* de António Pinho Vargas.



Gioconda e Si-Ya-U

NÂZIM (escreve): “DEMOLIR ÍDOLOS” foi uma das afirmações mais controversas de Nâzim Hikmet, um dos poetas revolucionários mais importantes do século passado. A queda-teológica-na-carne levou a uma batalha de palavras intempestiva que culminou com um punhado de estudantes à porta de Nâzim a berrar:

ESTUDANTES (*a berrar*): “Estás a matar os nossos heróis, a destruir a nossa herança.” Embora este tivesse respondido com um:

NÂZIM: “Pensem pela vossa cabeça”, ele apercebeu-se simultaneamente que a sua afirmação inicial se tornara demasiado radical.

ANDRÉ: Para quê fazer uma cisão na hegemonia quando ela conforta tantos? Como elucidar as pessoas de que algumas coisas estão mais nelas do que elas desejam? Como descrever que a idolatria faz parte de uma estratégia mimética de repetição da imagem segundo cânones e parâmetros fechados que nos fazem pensar conceptualmente e não concretamente levando à degradação das expectativas sobre o círculo humano?

A estratégia de Nâzim Hikmet teria assim de sofrer uma transubstanciação do grotesco para o sublime.

ANDRÉ (*vestido de Hikmet*): E se em vez de tentar mostrar o ‘real’ fizesse uma justaposição de imagens entre o “comummente” aceite” e o tal “real” monstruoso? E se em vez de tentar deliberadamente demolir ídolos esperasse por algum Kerem (protagonista de uma lenda turca semelhante a Romeu e Julieta) que se imolasse voluntariamente?

NÂZIM: “Se não nos queimarmos, / como mudará / a escuridão / para a luz?”



KAZIMIR MALEVICH, COMPOSIÇÃO COM MONA LISA, 1914

É justamente aqui que *Gioconda* (e *Si-Ya-U*) faz(em) a sua estreia, libertando-se do *frame* perfeito e abolindo conceitos tradicionais como naturalismo e essência ou fundamento.

Tudo decorre da seguinte forma

- 3
- 2
- 1

ACÇÃO: No mesmo ano (1924) em que o jovem revolucionário Emi Siao é deportado de Paris, desaparece do Museu do Louvre a famosa *Gioconda*. Segundo o poema-manifesto de Nâzim Hikmet, ela terá partido para a China ao encontro do seu amor de “olhos amendoados”. É verdade: *Gioconda* liberta-se da passividade da cultura museológica e revela-se uma agitadora apaixonada.

Para estragar o *suspense* deste poema, que em cerca de trinta páginas nos confronta com as dialéticas poesia vs. política, fantasia surrealizante vs. fervor revolucionário, ficção vs. autobiografia, no fundo um poema onde é permanentemente questionada a real capacidade da arte para a transformação social, vou já revelar o final:

RELAXEM: O sorriso de *Gioconda* mantém-se. Não é o sorriso de quem contenta, mas de quem parte contente.

TREMAM: As mãos de *Gioconda* transformam-se. Já não são mãos manchadas de tinta, mas mãos manchadas de sangue.

Diálogos

CICLO DE CINEMA

8 > 19 MARÇO

PEQUENO AUDITÓRIO SALA EDUARDO PRADO COELHO
LEGENDAGEM EM PORTUGUÊS M / 6 ANOS

BILHETES 3€
PASSE PARA TODOS OS EVENTOS
DO FESTIVAL PONTES PARA ISTAMBUL > 50€

DIÁLOGOS

NEVE 8 MARÇO 21H SEGUNDA
6 CURTAS-METRAGENS DE VÁRIOS JOVENS CINEASTAS

O GIGANTE DE OLHOS AZUIS
NÂZIM HIKMET 11 MARÇO 21H QUINTA
DE BIKET İLHAN

CRUZANDO A PONTE
O SOM DE ISTAMBUL 13 MARÇO 17H SÁBADO
DE FATİH AKIM

CONTOS DE ISTAMBUL 17 MARÇO 21H QUARTA
DE UMİT UNAL \ KUDRET SABANCI \ SELİM DEMİRDELEN
YUCEL YOLCU \ OMUR ATAY

A ALDEIA 19 MARÇO 18H SEXTA
DE NURI BILGE CEYLAN

NUVENS DE MAIO 19 MARÇO 21H SEXTA
DE NURI BILGE CEYLAN

FERNANDO LUÍS SAMPAIO TRADUÇÕES DOS FILMES

A ideia desta programação nasceu em primeiro lugar de uma entusiástica descoberta da obra literária do Orhan Pamuk. Depois da relação cinema-literatura e de um inconformado diálogo interior entre o concerto das artes e outras culturas.

Conhecia Pamuk por ter ganho o Prémio Nobel da Literatura 2006, até por mero acaso ter encontrado *A Cidadela Branca*, um conto das mil e uma noites que se revelou ser uma espécie de romance iniciático e encantatório da obra do escritor e da cultura turca. O documentário *Crossing the Bridge – The Sound of Istanbul*, do germano-turco Fatih Akim – um dos melhores realizadores europeus da actualidade –, despertou-me para a magia dos sons de fusão da música turca actual e para a cidade do Bósforo, aliás como todas as suas obras, passadas quase sempre entre a Alemanha e Istambul. O cineasta Nuri Bilge Ceylan é há algum tempo a maior referência internacional do cinema turco, uma espécie de Rossellini do Bósforo, premiado nos grandes festivais de cinema como Cannes ou Berlim. *Os Poemas da Prisão e do Exílio*, de Nâzim Hikmet, são livros de cabeceira para quem gosta de adormecer ao som das palavras da vida. E por isso não se podia deixar passar ao lado um magnífico *biopic* sobre a vida e a obra do poeta. *Istambul – Memórias de Uma Cidade* foi o meu guia poético do lugar onde nasceu Pamuk, transformado numa inspirada autobiografia e obra-prima da literatura. Independentemente das referências às quais a nossa memória nos agarra, sobrepõem-se-me a sensação de encontrar em Istambul as origens, as raízes espirituais e culturais de muito da melhor criação contemporânea, do cinema às outras artes.

JOSÉ VIEIRA MENDES



Neve

Snow WORKSHOP

KARS \ TURQUIA \ 2007 \ 55'

Este programa é composto por seis curtas-metragens realizadas por jovens cineastas europeus, que se inspiraram livremente em *Neve*, um dos mais conhecidos romances de Orhan Pamuk: *So there are no poems coming to me*, de Hannaleena Hauru, Finlândia (4'34"); *Tangerine*, de Balázs Simonyi, Hungria (8'55"); *Kar_s*, Ania Zuber, de Manuel Gonzales Bustos & Javier Rex Jimenez, Polónia & Espanha (6'02"); *Ka's strange love*, de Oytun Kal, Turquia (14'30"); *We all have a snowflake*, de Emmanuel Falguières, França (16'06"); *Hidden Symmetry*, de Céline Giertta, Suécia (4'59")

O gigante de olhos azuis

Nâzim Hikmet

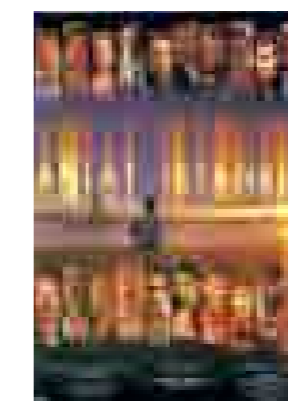
Mavi gözlü dev

De Biket İlhan

com Yetkin Dikinciler \ Dolunay Soysert \ Suna Selen

2007 \ 118'

Nâzim Hikmet (1901-1963) foi um dos grandes expoentes da poesia turca. A sua fama de poeta e militante comunista tornou-o quase um mito da literatura e da oposição política. Este filme aborda a sua vida apaixonante e militante, parte dela passada na prisão, e uma abordagem pela sua grande obra literária que oscila, entre outros escritos, por belos poemas de amor e uma poesia épica vibrante.



Contos de Istambul

Anlat Istanbul

De Umit Unal \ Kudret Sabanci \ Selim Demirdelen \ Yucel Yolcu \ Omur Atay

com Altan Erkekli \ Altan Erkekli \ Azra Akin \ Nurgul Yesilcay

2005 \ 95'

Cinco realizadores diferentes contam cinco histórias que se cruzam. Através deste mosaico de histórias sente-se a pulsação de uma cidade, com seus dramas e comédias de vida, finais felizes ou tristes, histórias tão caóticas e complexas quanto a realidade. Mas também são contos de fadas verdadeiros (até há fadas madrinhas), vividos no dia-a-dia de pessoas comuns, que povoam a cidade. São como que as versões modernas de *A Bela Adormecida*, *Cinderela*, *Branca de Neve*, *Capuchinho Vermelho*, *O Flautista Mágico*, contadas com uma surpreendente integridade e ligadas pelas emoções e ambientes de Istambul nos dias de hoje.

Nuvens de Maio

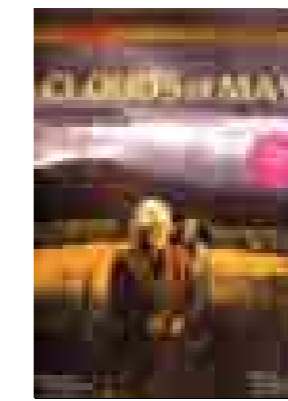
Mayis sikintisi

De Nuri Bilge Ceylan

com M. Emin Ceylan \ Muzaffer Özdemir \ Fatma Ceylan

2000 \ 135'

Um cineasta regressa à pequena aldeia onde nasceu, na Anatólia, para filmar a idílica beleza da paisagem local, mas verifica que o seu pai está quase a perder as terras familiares que vêm de gerações anteriores. O realizador vai rodar o seu filme tendo então em consideração a complexidade desse mundo rural que o rodeia. Poucos filmes têm tanta serenidade e beleza quanto esta segunda longa-metragem de Nuri Bilge Ceylan, num filme que lembra muito o estilo autocontemplativo do cinema de Abbas Kiarostami.



Cruzando a ponte

O som de Istambul

Crossing the bridge
The sound of Istanbul

De Fatih Akim

DOCUMENTÁRIO \ 2005 \ 183'

O compositor e músico alemão Alexander Hacke (Einstürzende Neubauten) captou, com uma espécie de estúdio móvel, os ambientes e a grande diversidade musical da Istambul contemporânea, com o objectivo de os revelar ao Ocidente e ele próprio tirar daí alguma inspiração. Fatih Akim (*O Outro Lado*, 2008), o jovem e brilhante cineasta alemão de origem turca, acompanhou-o neste fabuloso périplo e nesta investigação das raízes da surpreendente cena musical marcada pela fusão, que vai dos sons electrónicos e alternativos, passando pelo *rock*, *hip-hop*, até os ritmos otomanos clássicos e tradicionais.

A aldeia

Kasaba

De Nuri Bilge Ceylan

com Emin Toprak \ Havva Saglam \ Cihat Bütün \

Emin Ceylan \ Fatma Ceylan \ Muzaffer Özdemir

1997 \ 85'

Esta é a primeira longa-metragem e um dos dois inéditos apresentados neste ciclo, realizada por Nuri Bilge Ceylan (Istambul, 1959) o mais importante cineasta turco da actualidade. Trata-se da história de uma família, que vive numa pequena aldeia do interior da Turquia, vista pelo olhar das crianças. Um olhar pela janela do quarto da casa da aldeia para contemplar a Natureza na sua essência. *A Aldeia* é igualmente um filme antropológico por onde passam um anção pragmático, crianças e as suas brincadeiras, adultos com os seus traumas interiores, e uma mãe que demonstra o seu amor silencioso pelos seus filhos.



Istanbul Oriental Ensemble

CONCERTO

13 MARÇO 21H SÁBADO

GRANDE AUDITÓRIO

M / 12 ANOS

BILHETES

- 1.ª PLATEIA \ 2.ª PLATEIA 15€
- CAMAROTES CENTRAIS \ LATERAIS 15€
- 1.ª BALCÃO 12,50€ ■ LATERAIS \ BALCÕES LATERAIS 10€
- CAMAROTES LATERAIS 15€ ■ 2.ª BALCÃO 7,30€
- GALERIAS 5€
- VER DESCONTOS, PÁG. 2

DESCONTOS

- TITULARES CARTÃO AMIGO CCB > 20% \ 130%
- MENORES 26 ANOS \ MAIORES 65 ANOS > 25% (EXCEPTO 1.ª PLATEIA \ CAMAROTES CENTRAIS)
- GRUPOS 10 A 50 PESSOAS > 20%
- ESTUDANTES \ PROFISSIONAIS ESPECTÁCULOS > 5€ (NÚMERO LIMITADO DE BILHETES)

PASSE PARA TODOS OS EVENTOS DO FESTIVAL PONTES PARA ISTAMBUL > 50€

ISTAMBUL ORIENTAL ENSEMBLE

BURHAN ÖÇAL LEADER \ VOZ \ PERCUSSÃO

MEHMET ÇELIKSU KANUN

YASAR ÇAKIRLAR CLARINETE

AHMET DEMIRKIRAN CÜMBÜS \ OUD

ISMAIL PAPIS VIOLINO

ÜMIT ADAKALE PERCUSSÃO

PROGRAMA

BURHAN ÖÇAL KATAR

IMPROVISAÇÕES EM CLARINETE,

KANUN, VIOLINO E CÜMBÜS

NEYZEN SALIM HICAZ PESREVI

KAPTANZADE RIZA BEY KAPILDIM GIDIYORUM

A. YÜRÜ KEDERDEN MI NEDEN BILMEM

ANÓNIMO GEMILERDE TALIM VAR

RIFAT BEY GÜLSENI HÜSNÜNE

ANÓNIMO SU GELEN ATILIMDIR

ANÓNIMO SAZLAR CALINIR

ANÓNIMO YAR SAÇLARIN LÜLE

ANÓNIMO MUHABBET BAGI

SADETTIN KAYNAK EIN LIED, ADA SAHILLERI

ANÓNIMO BENLIYI ALDIM

ANÓNIMO KARA BULUTLARI KALDIR

RESAT AYSU KÜRDİLİ HICAZKAR SAZ SEMAI

IMPROVISAÇÃO EM KANUN

KEMANI SERKUS KIMSEYE ETMEM SIKAYET

BURHAN ÖÇAL ISTAMBUL NİHAVENT

ANÓNIMO İFADE

A herança musical cigana da Turquia.

Istanbul Oriental Ensemble é um dos grupos que melhor preserva o estilo da música tradicional cigana da Turquia, hoje em dia raramente tocada. No entanto, o repertório deste *ensemble* inclui também algumas antigas canções de amor turcas e peças contemporâneas compostas por membros da banda. De Istambul até Belém, um concerto intenso que mistura tradição, exotismo e modernidade.

Formado na Turquia em 1991 pelo multi-instrumentista Burhan Öçal, o Istanbul Oriental Ensemble manteve-se fiel ao seu objetivo original em recriar o ambiente e os estilos da música cigana especificamente turca e bizantina. O *ensemble*, com dois percussionistas, conta nas suas melodias com o alinhamento tradicional do clarinete, *kanun* (citara), *oud* e violino. Tendo crescido na aldeia de Kirkareli, a cerca de 100 quilómetros de Istambul, Öçal foi exposto à música cigana desde tenra idade e tornou-se um verdadeiro prosélito do seu som, quando um grupo cigano tocou na sua cerimónia de circuncisão aos seis anos de idade.

Já adulto, tornou-se um músico adepto da *darbuka*, *oud*, *saz* e *tambur*, actuando com os artistas do Quarteto Kronos e Joe Zawinul, e tocando desde música clássica ao jazz, passando pelo *drum 'n' bass*. No Istanbul Oriental Ensemble reuniu a nata dos músicos ciganos da Turquia – Ferdi Nadaz (clarinete), Muzaffer Coskuner (*oud*), Sahin Sert (*kanun*), Fethi Tekyaygil (violino) e Ekrem Bagi (percussão). No início, o repertório era composto essencialmente por peças ciganas do século XIX, Trácia e das regiões dos Balcãs, e a sua reputação consolidou-se em *performances* pela Europa, tanto em concertos como em festivais, muito antes de gravarem o seu primeiro álbum, *Gypsy Rum*, de 1996.

Foi distinguido com o prestigiado Prémio Deutschen Schallplattenkritik, votado pelos críticos alemães como a melhor gravação de música do mundo do ano, o que ajudou a banda a tornar-se mais conhecida na Europa, respeitada pelo público e pela crítica, tanto pela autenticidade como pela qualidade das suas improvisações, conhecidas como *taqsım*.

Em 1998, lançaram um segundo álbum, *Sultan's Secret Door*, que ganhou mais uma vez o Prémio Deutschen Schallplattenkritik, fazendo do Istanbul Oriental Ensemble uma das poucas bandas a vencer este prémio com álbuns consecutivos.

Na gravação, vão muito além da música puramente tradicional, executando composições originais que abraçam o espírito cigano. Seguiu-se uma longa digressão por todo o mundo. Posteriormente os vários elementos do grupo separaram-se, trabalhando em projectos individuais durante algum tempo. Reuniram-se novamente em 2000 para trabalhar em *Caravanserai*, um álbum construído em torno das antigas estalagens de viajantes, conhecidas como "caravanserai". A gravação explorou todas as facetas de uma pequena comunidade, e apresentou a voz de Nadaz na única faixa cantada. Nadaz morreu dez dias após a conclusão do disco. *Caravanserai* foi lançado em Fevereiro de 2001

IN ALL MUSIC. CHRIS NICKSON

Burhan Öçal

Vive actualmente em Istambul (Turquia) e Zurique (Suíça).

Encontra-se no epicentro do mundo da música e da arte mal chega à Europa. A sua inclinação e entusiasmo pela descoberta de novos horizontes levaram-no a conhecer jovens músicos e artistas prestigiados, com quem criou projectos que ainda hoje perduram. Durante os seus primeiros anos na Suíça, Burhan Öçal trabalhou com Pierre Favre, uma sumidade do jazz nacional. Também colaborou com o pianista de jazz suíço George Gruntz, com a mundialmente famosa pianista clássica portuguesa Maria João Pires, e com o pianista australiano Peter Waters.

Não obstante já se ter apresentado em concertos por todo o mundo, sobretudo na Europa, a sua verdadeira ambição era chegar à América e actuar em Hollywood. Depois de conhecer Joe Zawinul, o criador dos Weather Report, os seus planos de carreira modificaram-se radicalmente. Actuou como solista durante 10 anos, integrando a formação de jazz sinfónica de Zawinul. O seu primeiro álbum a solo foi *The Butcher's Dance*. Durante o mesmo período gravou álbuns com a sua banda de jazz *funk* Burhan Öçal Group. Nunca perdendo a ligação às suas raízes, formou o Istanbul Oriental Ensemble. Ao longo de 16 anos, a banda actuou por todo o mundo e tornou-se um *ensemble* mundialmente famoso. Os dois primeiros álbuns, *Gypsy Rum* e *Sultan's Secret Door*, que Öçal gravou com o Istanbul Oriental Ensemble, receberam o Prémio Preis der Deutschen Schallplattenkritik, o equivalente alemão do Grammy. Nessa época conheceu Sting, com quem tocou durante muitos anos. Actuou em vários países, incluindo os Estados Unidos, juntamente com o famoso Quarteto Kronos. No mesmo ano, conheceu Eliot Fisk, famoso guitarrista clássico. Com este dueto, apresentou-se em concertos pelos EUA e Europa durante 10 anos. Öçal lançou o álbum *Groove alla Turca* com o contrabaixista americano Jamaaladeen Tacuma, artista de jazz importante e seu amigo íntimo. O seu álbum a solo *Jardin Ottoman* recebeu o Prémio Choc do *Le Monde de la Musique*.

Mantendo um grande interesse pela era Otomana, o artista iniciou um projecto de 36 CD, chamado *Sultan*, em memória aos 36 sultões, que pretende concluir nos próximos dez anos. Burhan Öçal gravou dois álbuns e deu vários concertos com a Banda Trakya All Stars, que fundou como homenagem à sua cidade natal, Kirkareli.

É convidado regular nos festivais de jazz de Montreal, Chicago, Paris, Roma, Istambul, Viena e Berlim, bem como no WOMAD World Music Festival.

Öçal também actua como solista com muitas orquestras sinfónicas. Gravou o álbum *Concerto alla Turca* em 2007 com o maestro britânico Howard Griffiths e com a Orquestra de Câmara de Zurique.

A sua paixão pelo cinema levou-o a actuar. Desempenha o papel principal em vários filmes e em algumas séries de televisão. Foi o rosto da campanha publicitária da prestigiada marca Derimod, e actuou num clipe de vídeo juntamente com o artista de *hip-hop* Pharrell Williams durante uma gravação comercial para a marca Hennessy, tornando-se o rosto americano da marca. Trabalha com o mundialmente famoso fotógrafo e realizador Michel Comte.

Está actualmente a trabalhar em projectos para Istambul – Capital Europeia da Cultura, 2010.

Turquesa

Música

Os jovens turcos

Tal como em Portugal e noutros países de condição periférica e sujeitos a longos períodos políticos de fechamento, também na Turquia momentos de convulsão e de abertura marcaram o seu passado recente. As transformações na Turquia, iniciadas no começo do século XX, corresponderam em grande medida, num país muçulmano cujo território se localiza maioritariamente já na Ásia, a um processo de ocidentalização. Uma dualidade Ocidente-Oriente tomou então conta da esfera cultural turca – de que a música fazia parte. Esta dualidade manifestava-se quase como um verdadeiro dilema cultural e emergia através das expressões *Alla turca* ou *Alla fanga*.

Enquanto *Alla turca* era um sinal de arcaísmo e de espírito conservador, de uma ligação cega à tradição e até de um gosto subdesenvolvido, a expressão *Alla fanga* sinalizava a ideia de modernidade e de mudança de estilo de vida (ao modo ocidental). No seio desta dicotomia – que marcou todas os aspectos da vida turca (da literatura à moda, alimentação, sistema de crenças, educação e forma de governo), a música turca baseada no tradicional modo *makam* sofreu um processo de negação cultural com base na ideia de que nem sequer possuía um sistema de notação decente. Este tipo tradicional de música foi marginalizado e restringido a um grupo social que a ele se dedicou apaixonadamente. Curiosamente, as mudanças políticas (a sua modernização/ocidentalização) no país foram também simbolicamente marcadas, na música, pela adopção da notação musical ocidental (1828).

Por volta de 1930 surge a primeira geração de compositores que se afirma por um conjunto de obras que abrem novos caminhos afastando-se das velhas concepções musicais que dominaram a Turquia. Foi um salto temerário praticamente de uma civilização para outra. Temerário, não apenas porque os aspectos extremos desta nova música são diferentes dos anteriores, mas também porque os métodos, a sua concepção e realização saltam literalmente por cima de uma tradição de séculos de música para se deixar “contaminar” por uma tradição estranha: a da música ocidental.

Em consequência desse processo de abertura, e apesar de os inícios da música turca serem monolíticos e imutáveis, a sua música contemporânea adoptou formas polifónicas, em grande parte devido ao facto de muitos músicos e compositores começarem a estudar em países ocientais. Uma primeira geração de compositores tomou em consideração toda a cena musical contemporânea em vez de se limitar a obedecer, como no passado, a ideias e sentimentos de um círculo limitado e às pesadas restrições da imutável tradição otomana. Como resultado, e no seu regresso, estes músicos contribuíram para mudar a música turca numa forma nova que corresponde à música moderna turca de hoje. Naquilo que parece ser uma estratégia nacional de afirmação cultural, desde o sistema de educação musical até ao sistema de difusão, a realidade musical turca (no que diz respeito à música contemporânea clássica) conhece hoje um vigor e revela uma ambição que, de certa forma, retoma a pujança vivida no passado: Istambul foi o centro de irradiação de diferentes géneros e tradições musicais desde o século IX (com menos expressão também Samarkanda e o Cairo). Com início na época bizantina, o seu papel central nas produções cultural e musical manteve-se ainda durante o período otomano e durante o processo de ocidentalização da Turquia moderna e é retomado por uma nova geração de jovens compositores e artistas. Os compositores contemporâneos turcos questionaram também a própria concepção do artista (tradicionalmente ainda ligada a funções sociais específicas e com um grau de autonomia estética e funcional reduzido), mas surpreendentemente (ou não) mantêm algumas características da música tradicional. Por exemplo, a ideia da completa suspensão do tempo – provavelmente uma característica específica da música tradicional turca – encontra um inesperado paralelo com experiências do mesmo tipo na música contemporânea ocidental. O mesmo se passa com o carácter eminentemente improvisativo de alguns géneros de música turca tradicional, de resto,

De facto, uma nova geração de compositores vem-se afirmando hoje na cena internacional da música contemporânea. Com formação em países europeus (Zeynep Gedizlioglu, Tolga Tüzün) e nos EUA (Kamran Ince, Tolga Yayalar) – alguns dos quais serão ouvidos em Portugal pela primeira vez neste concerto – estes compositores alteraram por completo o panorama musical turco: não só modernizaram em termos de linguagem musical, como criaram uma nova realidade estética tendo como centro a cidade que já foi a capital de dois impérios.

Os jovens turcos questionaram também a própria concepção do artista (tradicionalmente ainda ligada a funções sociais específicas e com um grau de autonomia estética e funcional reduzido), mas surpreendentemente (ou não) mantêm algumas características da música tradicional. Por exemplo, a ideia da completa suspensão do tempo – provavelmente uma característica específica da música tradicional turca – encontra um inesperado paralelo com experiências do mesmo tipo na música contemporânea ocidental. O mesmo se passa com o carácter eminentemente improvisativo de alguns géneros de música turca tradicional, de resto,

De facto, uma nova geração de compositores vem-se afirmando hoje na cena internacional da música contemporânea. Com formação em países europeus (Zeynep Gedizlioglu, Tolga Tüzün) e nos EUA (Kamran Ince, Tolga Yayalar) – alguns dos quais serão ouvidos em Portugal pela primeira vez neste concerto – estes compositores alteraram por completo o panorama musical turco: não só modernizaram em termos de linguagem musical, como criaram uma nova realidade estética tendo como centro a cidade que já foi a capital de dois impérios.

Os jovens turcos questionaram também a própria concepção do artista (tradicionalmente ainda ligada a funções sociais específicas e com um grau de autonomia estética e funcional reduzido), mas surpreendentemente (ou não) mantêm algumas características da música tradicional. Por exemplo, a ideia da completa suspensão do tempo – provavelmente uma característica específica da música tradicional turca – encontra um inesperado paralelo com experiências do mesmo tipo na música contemporânea ocidental. O mesmo se passa com o carácter eminentemente improvisativo de alguns géneros de música turca tradicional, de resto,

De facto, uma nova geração de compositores vem-se afirmando hoje na cena internacional da música contemporânea. Com formação em países europeus (Zeynep Gedizlioglu, Tolga Tüzün) e nos EUA (Kamran Ince, Tolga Yayalar) – alguns dos quais serão ouvidos em Portugal pela primeira vez neste concerto – estes compositores alteraram por completo o panorama musical turco: não só modernizaram em termos de linguagem musical, como criaram uma nova realidade estética tendo como centro a cidade que já foi a capital de dois impérios.

CONCERTO

20 MARÇO 19H SÁBADO

PEQUENO AUDITÓRIO
SALA EDUARDO PRADO COELHO
M / 6 ANOS

BILHETES ■ PLATEIA ■ LATERAIS 10€

DESCONTOS
■ **TITULARES CARTÃO AMIGO CCB** > 20% 130€
■ **MENORES 25 ANOS** \ **MAIORES 65 ANOS** > 25%
■ **GRUPOS 10 A 50 PESSOAS** > 20%
■ **ESTUDANTES** \ **PROFISSIONAIS ESPECTÁCULOS** > 5€ (NÚMERO LIMITADO DE BILHETES)

PASSE PARA TODOS OS EVENTOS DO FESTIVAL PONTES PARA ISTAMBUL > 50€

TURQUESA ORCHESTRUTOPICA

CESÁRIO COSTA MAESTRO

PROGRAMA
ZEYNEP GEDIZLIOGLU SUSMA QUARTETO DE CORDAS N.º 2
TOLGA TÜZÜN OVERTURE: AN ANACRUSIS FOR OPERA
ÖSKAN MANAV LAÇIN
TOLGA YAYALAR REQUIEM POUR UNE TERRE PERDUE
KAMRAN INCE STRANGE STONE

PROGRAMA
ZEYNEP GEDIZLIOGLU SUSMA QUARTETO DE CORDAS N.º 2
TOLGA TÜZÜN OVERTURE: AN ANACRUSIS FOR OPERA
ÖSKAN MANAV LAÇIN
TOLGA YAYALAR REQUIEM POUR UNE TERRE PERDUE
KAMRAN INCE STRANGE STONE

Uma rara oportunidade para dar a conhecer obras reveladoras da nova música turca.

Cesário Costa

MAESTRO
Nasceu em 1970. Tem vindo a distinguir-se, em Portugal, como um dos mais activos maestros da sua geração.

Realizou os seus estudos musicais em Paris, onde concluiu o Curso Superior de Piano, e na Alemanha, onde completou com a nota máxima a Licenciatura e o Mestrado em Direcção de Orquestra na Escola Superior de Música de Würzburg, na classe do Prof. Hans-Rainer Foerster.

Em 1997 foi o vencedor do III Concurso Internacional Fundação Oriente para Jovens Chefes de Orquestra. Nesse mesmo ano foi bolseiro do Festival de Música de Bayreuth.

Como maestro convidado, dirigiu a Royal Philharmonic Orchestra, a Orquestra Sinfónica de Nuremberga, Orquestra Sinfónica Portuguesa, a Orquestra Gulbenkian, a Orquestra Nacional do Porto, a Orquestra Metropolitana de Lisboa, o Remix Orquestra, o Ensemble für Neue Musik (Würzburg), a Arhus Sinfonietta (Dinamarca), a Orquestra Filarónica da Macedónia, a Orquestra Filarónica de Roma, a Filarmonia Sudecka (Polónia), a Filarmonia Rzeszów (Polónia), a Orquestra de Extremadura (Espanha), Orquestra Sinfónica de Liepaja (Letónia), o Plural Ensemble (Madrid), a Orquestra de Câmara da Rádio Romena, a Orquestra do Norte, a Filarmonia das Beiras, entre outros. Apresentou-se também em Espanha, França, Andorra, Alemanha, Escócia, Bélgica, Inglaterra, Itália, Dinamarca, Macedónia, Polónia, Letónia, Roménia, Malásia, Brasil e China.

Participou em inúmeros festivais de música, de que se destacam o Festival de Música Atlantic Waves (Londres), Aberdeen (Escócia), Arhus (Dinamarca), Neerpelt (Bélgica), Dresden (Alemanha), Múrcia (Espanha), Estoril, Sintra, Póvoa de Varzim, Espinho, Leiria, Mafra. O seu repertório estende-se do barroco ao contemporâneo, incluindo mais de setenta obras em estreia absoluta. Trabalhou com solistas como António Meneses, António Rosado, Brandford Marsalis, Boris Berezovsky, David Russel, Elisabete Matos, Gerardo Ribeiro, Mário Laginha, Ute Lemper, entre outros solistas, e trabalhou com encenadores como Luís Miguel Cintra e Terry Jones. Colabora regularmente com o Teatro Nacional de S. Carlos, a Casa da Música (Porto), o Teatro da Trindade, o Teatro S. João, o Teatro São Luiz, o Centro Cultural de Belém, a Fundação de Serralves, entre outros instituições. Foi assistente na Universidade Católica Portuguesa e foi director artístico e maestro titular da Orquestra Clássica de Espinho e da Orquestra do Algarve.

Foi agraciado com a medalha de mérito cultural pelo Município de Vila Nova de Gaia. Em 2007, foi vice-presidente do Júri do Prémio Jovens Músicos.

Actualmente é presidente da Metropolitana (Orquestra Música, Educação e Cultura) e director artístico da Orquestra Metropolitana de Lisboa. É director artístico dos Concertos Promenade do Coliseu do Porto e maestro titular da OrchestrUtopica – de que é co-fundador.



OrchestrUtopica

A OrchestrUtopica (OU) é um agrupamento de câmara dedicado à promoção da nova música, concebido como um instrumento para compositores. Fundada em 2001 — pelos compositores Carlos Caires, José Júlio Lopes, Luís Tinoco e António Pinho Vargas e o maestro Cesário Costa — foi saudada com grande entusiasmo pelo público, pela crítica e pela comunidade musical. Ao fim de oito anos já realizou mais de oitenta concertos em Portugal e no estrangeiro. Mais do que um grupo dedicado à nova música, de espírito independente de qualquer academismo, a OU apresenta-se como um espaço de diálogo e troca de experiências radicalmente diferente da atitude tradicional. Sempre que possível os compositores representados nos programas da OU são chamadas a participar em fóruns abertos de discussão com músicos, artistas e público. A OU acredita firmemente na diversidade estética como a mais saudável postura; a sua filosofia de programação não reconhece fronteiras entre campos musicais e entre disciplinas artísticas; a sua vitalidade depende de uma visão aberta e abrangente no que respeita à criação musical e artística contemporâneas.

Nos concertos que já realizou a OU apresentou inúmeras obras encomendadas a compositores portugueses em estreia absoluta e primeiras audições em Portugal de compositores estrangeiros, tendo podido contar até agora com a colaboração de maestros e solistas de renome internacional, como os maestros Yu Feng, David Allen Miller, Odaline de la Martinez, Tapio Tuomela, Fabián Panisello, Olivier CuenDET, René Bosc ou Joan Cerveró, as sopranos Nicole Tibbels, Yeree Suh e Monique Krús, e o violinista sueco Fredrik Burstedt, entre outros. A formação da OU apresenta alguns dos melhores músicos portugueses e estrangeiros residentes em Portugal, membros das principais orquestras e agrupamentos do país. É graças aos músicos que colaboram com a OU que as suas apresentações em concerto e o seu projecto têm merecido as melhores referências.

A ORCHESTRUTOPICA beneficia de um subsídio plurianual do Ministério da Cultura/DGArtes (2003, 2004, 2005/2008, 2009/2012) e, desde a temporada de 2006/2007, é “orquestra em residência no CCB”.

Turquesa
DIRECÇÃO ARTÍSTICA DO PROJECTO **JOSÉ JÚLIO LOPES**
PRODUÇÃO **ÉLIO CORREIA**, **OU**
CO-PRODUÇÃO **CCB / ORCHESTRUTOPICA**
CONTEÚDOS, TRADIÇÕES E ADAPTAÇÃO DE CONTEÚDOS **HELENA ROMÃO**
CREDITOS DA OU E/OU DOS AUTORES IDENTIFICADOS
TURQUESA ©B (INCLUINDO TEXTOS), 2010, ORCHESTRUTOPICA ACSFL

OrchestrUtopica

DIRECTOR **JOSÉ JÚLIO LOPES**
DIRECTOR MUSICAL **CESÁRIO COSTA**
PRODUÇÃO **ÉLIO CORREIA**
PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL **DALLA GOMES RIBEIRO**
PRESIDENTE DO CONSELHO FISCAL **ANDRÉ SÁ MACHADO**
MAESTROS CONVIDADOS
YU FENG (CH), **DAVID ALLEN MILLER** (EUA), **ODALINE DE LA MARTINEZ** (C), **TAPIO TUOMELA** (FIN), **FABIÁN PANISELO** (ARG), **JEAN-SÉBASTIEN BÉREAU** (FR), **OLIVIER CUENDET** (SUI)
SOLISTAS CONVIDADOS:
ANA ESTER NEVES SOPRANO (POR), **NICOLE TIBBELS** SOPRANO (GB), **FREDRIK BURSTEDT** VIOLINO (SE), **YEREE SUH** SOPRANO (COR-S), **MONIQUE KRÚS** SOPRANO (NL), **GULLAUNE GROSBOARD** VIOLONCELO (COR-S)
COMPOSITORES RESIDENTES: **JOÃO MADUREIRA** (2004), **NUNO CÔRTE-REAL** (2005)
A ORCHESTRUTOPICA É UMA ASSOCIAÇÃO CULTURAL SEM FINS LUCRATIVOS
COPYRIGHT © 2001, 2002, 2003, 2004, 2005, 2006, 2007, 2008 E 2009.
ORCHESTRUTOPICA É UMA ESTRUTURA APOIADA FINANCIARIAMENTE POR JOSÉ JÚLIO LOPES E LUÍS TINOCO TODOS OS DIREITOS RESERVADOS
O LOGÓTIPO É A DESIGNAÇÃO ORCHESTRUTOPICA SÃO PROPRIEDADE DA ORCHESTRUTOPICA ACSFL
A ORCHESTRUTOPICA É UMA ESTRUTURA APOIADA FINANCIARIAMENTE PELO INSTITUTO DAS ARTES – MINISTÉRIO DA CULTURA (2003, 2004, 2005/2008)

Tolga Tüzün

COMPOSITOR

Nasceu em 1971. Depois de se licenciar em Ciências Políticas, Tolga Tüzün estudou composição com Pieter Snapper e Marc Wingate e fez estudos avançados de orquestração com İlhan Usmanbaş e Hasan Uçarsu na Universidade Técnica de Istambul (Centro de Estudos Avançados de Música). As suas composições têm sido apresentadas em várias cidades dos EUA e também em Amesterdão, Paris, Dresden, Darmstadt, Klangfurt, Birmingham e Istambul. Durante a preparação do seu doutoramento em Composição Musical (na CUNY Graduate Center), estudou composição com David Olan e Tristan Murali em Nova Iorque e com Philippe Leroux em Paris. Apresenta-se também como conferencista em teoria musical e música electroacústica. Entre 2003-2005, ensinou harmonia e composição no Conservatório de Música do Brooklyn College. Tolga Tüzün participou ainda num curso anual de composição e informática musical no IRCAM (2005-2006). Actualmente é professor de composição e de informática musical na Universidade Bilgi de Istambul.

Overture, an anacrusis for opera 2 009

Esta peça faz parte de um ciclo de cinco peças baseado na obra do poeta turco Enis Batur, Opera 1-4004. A música faz uso de procedimentos isorítmicos e de técnicas espectrais. É uma implacável revelação de estruturas baseadas na análise de uma voz soprano. Com a introdução de novo material nos últimos dois minutos, Overture abre caminho para a segunda peça do ciclo, lament.

TOLGA YAYALAR COPYRIGHT © 2009

Tolga Yayalar

COMPOSITOR

Natural de Istambul (1972), foi músico de jazz (guitarra) antes de estudar composição. Tolga Yayalar estudou composição de jazz e guitarra no Berklee College of Music. Em Harvard (2003), estudou com Bernard Rands, Julian Anderson, Harrison Birtwistle, Brian Ferneyhough e Helmut Lachenmann. É doutorado pela Universidade de Harvard (EUA).

Como resultado do seu encontro com a música de Anton Webern, os seus primeiros trabalhos no idioma contemporâneo incorporavam técnicas serialistas na linguagem do jazz. Hoje, porém, a sua música centra-se na textura e no ritmo, e para ultrapassar as limições do modo temperado a sua música faz uso dos diferentes sistemas de microtonalidade. Apesar do ponto focal da sua música serem séries harmónicas, Tolga Yayalar faz a sua fusão com os sistemas de afinação orientais. O seu interesse pela arquitectura, a psicanálise e narrativas pós-estruturais estão presentes na sua música.

Tem sido interpretado por artistas e agrupamentos importantes dos EUA, Europa e América Latina como Le Nouvel Ensemble Modern, Ensemble FA, Ying Quartet, Alarm Will Sound, Adorno Ensemble, Seda Roeder e Garh Knox, e em festivais como New York City Electroacoustic Music Festival, 2th Mediterranean Contemporary Music Days e a Orchestre National de Lorraine, entre outros.

Requiem pour une terre perdue

2009, PARA ENSEMBLE

O modo como uma cidade cresce ao longo dos anos, com a sobreposição de camadas sobre camadas, sempre me fascinou. Com cada nova camada, uma nova configuração espacial passa a existir seja por transformação, metamorfose ou desintegração. Um dos momentos mais preciosos para mim é quando visito em Istambul as ruínas de um mosteiro bizantino mesmo no meio de um espaço urbano moderno. Muitas vezes esses espaços modernos desligam-se uns dos outros e criam a sua própria realidade temporal.

Esta peça é um lamento pela perda da Bizâncio em Istambul. Através de um canto, os traços desta terra perdida surgem numa camada musical mas são simultaneamente assimilados pela textura homogénea dominante.

TOLGA YAYALAR COPYRIGHT © 2009

Zeynep Gedizlioglu

COMPOSITORA

Natural de Esmirna (1977), Zeynep Gedizlioglu estudou composição com Cengiz Tanc em Istambul, Theo Brandmüller em Saarbrücken, Ivan Fedele em Estrasburgo e com Wolfgang Rihm em Karlsruhe. Estudou também música electrónica com Daniel Teruggi e François Donato.

Foi assistente no Conservatório da Universidade Estatal Mimar Sinan em Istambul e na Akademi-Istanbul em 2000-2001.

Participou nos cursos internacionais de Verão de Nova Música em Darmstadt (2002, 2004), bem como nos cursos de Verão do Centro Acanthes (2004, 2007). Recebeu várias bolsas de estudo, nomeadamente, a Elisabeth-und-Bruno-Meindl-Stiftung, Landesgraturlistenstipendium (do Ministério da Cultura das Saarländes), Wolfgang-Rihm-Stipendium, a Hoepfner Stiftung e o Prémio de Composição Franz-Liszt-Stipendium de Weimar, em 2005.

Obras suas foram transmitidas pela SR2 Kultur Radio, Acik Radio Istanbul, France Musique, SWR2.

Tem sido convidada a participar em vários festivais internacionais, tais como Grenzenlos Kulturelle Begegnung mit der Türkei, Berlin 1998, Rendez-vous Musique Nouvelle, Forbach 2003, Mediterranean New Music Days, Istambul 2004/2006, Estovest, Turim 2007/2009, Música,Strasbourg 2007/2008, International Istanbul Biennial 2007, “The 1st Encounter with Contemporary Cultures – Turkey”, Pamplona 2008, ISCM World New Music Days, Gotemburgo 2009. Colaborou e tem sido interpretada por importantes artistas e agrupamentos: Ensemble Recherche, Ensemble Accroche Note, Orquestra Sinfónica de Navarra, Xenia Ensemble e o Quarteto Arditti. Foi seleccionada para frequentar o IRCM (Informática musical). Em Março de 2010, membros da Orquestra Sinfónica da SWR darão dois concertos monográficos com música de câmara da compositora no Konzerthaus de Freiburg e no Museu Frieder Burda em Baden Baden.

Susma – quarteto de cordas n.º 2 2006

IN MEMORIAM HRANT DINK

Esta peça é essencialmente a história da acção de dois elementos musicais e dos seus aspectos sonoros. O material musical – com as suas variações – gerou um contexto que é comum mesmo que as suas acções sejam por vezes casualmente determinadas. Este contexto, que baseia a sua dinâmica interior na ideia de conflito, é estabelecido pela intenção de agrupar similitudes, imitações, equivalências, justaposições e contrastes.

ZEYNEP GEDIZLIOGLU COPYRIGHT © 2007



Kamran Ince

COMPOSITOR

Nasceu os EUA em 1960, filho de pais turcos e americanos. É doutorado pela Eastman School of Music e é professor de composição na Universidade de Memphis, e também co-director do MIAM (Centro de Pesquisa Avançada em Música) da Universidade Técnica de Istambul. Ganhou numerosos prémios que incluem o Prix de Rome, uma bolsa Guggenheim e o Prémio Lili Boulanger. A sua peça *Waves of Talya* foi nomeada “melhor obra de câmara do Séc. XX por um compositor turco-americano vivo” pelo *Chamber Music Magazine*.

Grandes orquestras e ensembles por todo o mundo têm apresentado as suas peças. Concertos com a sua música tiveram lugar no Festival da Holanda, CBC Encounter Series (Toronto), Festival Internacional de Istambul, Festival Internacional de Música do Estoril (ORCHESTRUTOPICA) e no TurkFest (Londres).

Entre as suas obras mais recentes conta-se *Istathenople* (para bozouki, mandolim, clarinete e ensemble – uma encomenda do Present Music’2003); *Strange Stone* uma encomenda de Relache de Philadelphia e do Commissioning USA Fund (2003); o *Concerto for Orchestra, Turkish Instruments and Voices* (2002), encomenda do Ministério da Cultura Turco, entre muitas outras. Projectos futuros incluem uma ópera intitulada *O Julgamento de Midas*, encomendada pelo Prof. Crawford Greenwalt para assinalar o centenário das escavações de Sardis Lydia (patrocinada pelas universidades de Harvard e Cornell) e que será estreada em 2010.

Strange stone 2004

Em Strange Stone, tentei criar uma paleta sonora que tem andado no meu espírito há algum tempo, uma peça que a seu modo representasse o equivalente num ensemble contemporâneo ao som do instrumento tradicional turco, zurna. O zurna pode ser descrito como o avô do oboé com um som muito nasalado, complexo e extremamente alto (mal se consegue ouvir o bombo quando os dois tocam ao mesmo tempo). Através da instrumentação quis criar um zurna superpolifónico, com um elevado grau de variação de timbre. As qualidades tímbricas da Zurna estão expressas nas secções mais agressivas da peça. Sintetizei as qualidades básicas (ritmo e tons) da música popular turca e dos balcás que utiliza este instrumento sem restrições de forma sacudida e batida e com choque. Em contraste, nas secções mais suaves criei uma versão alterada da música otomana clássica e de corte, que é muito parecida com a música lenta e calma sufi ou dervish.

KAMRAN INCE COPYRIGHT © 2004



Özkan Manav

COMPOSITOR

Nasceu em Mersin em 1967, Turquia. Estudou composição no Conservatório da Universidade Estatal Mimar Sinan (Istambul) com Erçivan Saydam, Afsar Timuçin. Mais tarde estudou composição com Lukas Foss e Marjorie Merryman na Universidade de Boston (1996/1999). Depois do seu doutoramento na mesma universidade regressou a Istambul onde passou a leccionar composição no Conservatório da UEMS – onde actualmente é professor catedrático de composição.

As suas obras têm sido apresentadas na Moldávia, Turquia, Holanda, EUA, Alemanha, Inglaterra, Austrália, Marrocos, Grécia, Áustria, Polónia, Itália e Dinamarca por agrupamentos como a Orquestra Sinfónica da Rádio da Baviera, Ensemble Nova Música de Moscovo, membros da Orquestra Filarónica da Moldávia, Ensemble de Percussão da Escola de Música de Eastman, ALEA III, Quinteto de Clarinetes Ametist e Storstørms Kammerensemble.

A sua música estado presente em festivais e encontros internacionais Semana Internacional de Música Gaudeamus (1995), Encontros Culturais Berlim-Istambul (1998, Berlim), Composers Rostrom (2000, Amsterdão), ECUME meetings (2001, Istambul), Beethovenfest (2002, Bona), Türkfest (2004, Londres), entre outros. Recebeu o Prémio de Composição Malloy Miller Memorial (1997, Universidade de Boston), o 1.º Prémio do Concurso Nacional de Composição Nejat Eczacibasi (1998, Esmirna), o Prémio de Composição BMW Música Viva (1998, Munique), o Prémio de Composição da Deutsche Welle (2002, Colónia).

Laçin – trio com piano 2006

Quando tinha vinte anos senti um certo interesse pela música popular. O resultado foram algumas peças para coro e um quinteto de metais. Depois, durante mais de dez anos mantive-me completamente afastado das melodias populares, numa época em que o meu vocabulário musical se inclinava para novos idiomas, incorporando texturas aleatórias, microtons e técnicas instrumentais experimentais. Apenas em 2003 voltei à trabalhar uma canção da tradição popular intitulada Laçin, da Anatólia oriental. É uma comovente canção de amor que esteve nas minhas memórias por décadas. A minha abordagem consistiu em transformar a melodia desta canção numa narrativa (ou história) que é enquadrada pelos glissandos das cordas no inicio e no final da peça.

ÖZKAN MANAV COPYRIGHT © 2006



ORCHESTRUTOPICA EM RESIDÊNCIA NO CCB

MIC

ARTES

Música para ver, dança para ouvir

© KEITH TERRY

ESPECTÁCULO DE DANÇA E MÚSICA

14 MARÇO 17H DOMINGO

PEQUENO AUDITÓRIO
SALA EDUARDO PRADO COELHO
M / 6 ANOS

BILHETES ■ PLATEIA ■ LATERAIS 10€

DESCONTOS
■ TITULARES CARTÃO AMIGO CCB > 20% / 130%
■ MENORES 25 ANOS / MAIORES 65 ANOS > 25%
■ GRUPOS 10 A 50 PESSOAS > 20%
■ ESTUDANTES / PROFISSIONAIS ESPECTÁCULOS > 5€
(NÚMERO LIMITADO DE BILHETES)

PASSE PARA TODOS OS EVENTOS
DO FESTIVAL PONTES PARA ISTAMBUL > 50€

KEKEÇA

MÚSICA PARA VER,
DANÇA PARA OUVIR

© KEITH TERRY

TUGAY BASAR
TIMUÇIN GÜRER
GÖKÇE GÜRÇAY
AYSE AKARSU

A percussão corporal mistura a música e o movimento de uma forma única e extremamente criativa.



© DILARA HANÇER SEBAH

A percussão corporal mistura a música e o movimento de uma forma única e extremamente criativa. O intérprete e o instrumento na mesma pessoa elevam a descoberta e a consciência do corpo e das suas potencialidades e produzem resultados que vão muito além do que podemos imaginar.

Os KeKeça trazem-nos um repertório variado, entre *performances* em grupo e a solo que inclui temas da música tradicional otomana/turca, canções folclóricas afro-americanas e algumas peças mais urbanas e contemporâneas.

Percussão corporal, música corporal, a música/dança evoluiu deixando o corpo soltar-se da gravidade e da consciência do movimento-som-criação. Durante esta viagem, uma parte de nós está voltada para as tradições: desde Usul (padrões rítmicos da música turca-otomana) a canções populares e *hambone* afro-americano. Outra parte de nós está, no momento presente, a enfrentar o que vem de dentro, com o objectivo de expandir o tempo e interagir com a mãe terra.

O programa de hoje inclui *performances* a solo e de grupo. As peças fazem parte tanto da música popular tradicional, como da história cultural urbana. Também podem ser ouvidas e vistas aplicações modernas da música corporal de outras partes do mundo. Incluirá vozes e canto e alguns instrumentos tradicionais como Ney, Bendir e Cajon. Algumas partes específicas da *performance* terão carácter interactivo, de modo a envolver o público na atmosfera.

[...] "Um diálogo muito diferente manifesta-se no trabalho dos músicos corporais turcos KeKeça. [Eles] transformam canções tradicionais turcas em peças delicadas para o corpo com uma subtilidade harmoniosa – um desvio elegante às proezas atléticas por vezes associadas à música corporal."

ALL ABOUT JAZZ 2011/2008

Tugay e Timuçin trabalham juntos desde 2002, e desde então fazem *performances*, formação e *workshops*, trabalhando em projectos locais e internacionais de cultura, arte e educação através da percussão corporal e da música corporal. Envolvem o público nas suas *performances* (www.kekeca.net). Desde 2008, têm trabalhado com um grupo de seis pessoas.

Tugay Basar

Estudou etnomusicologia. Tocou, cantou e dirigiu vários *ensembles* de música. Além de KeKeça – percussão corporal – prossegue os seus trabalhos em Música e Educação para o Movimento a partir da abordagem de Orff. Também fundou KeKeça – EYO Ensemble, composto por estudantes com capacidades auditivas reduzidas da Universidade de Eskişehir Anadolü, juntamente com Timuçin Güler e Zekiye Dogan com o conhecimento de "Her Beden Duyar/Every Body Hears".

Timuçin Güler

Insiste em ser músico (corporal) e engenheiro simultaneamente. Esteve envolvido em grupos de música popular/dança e teatro e actualmente é membro do Aysel Tütüncü Piano Percussion Ensemble. Está concentrado na junção do campo da música corporal com música, percussão e improvisação; assim como com o teatro e a dança. Acredita que qualquer corpo pode iniciar-se na música.

Gökçe Gürçay

É o baterista do grupo de música Gevende. Mudou-se para Istambul com Gevende depois de concluir os seus estudos na Universidade em Eskişehir. Está envolvido no Aysel Tütüncü Piano Percussion Ensemble. Aprendeu a ensinar ritmo ao mesmo tempo que dirigia o Ensemble Rhythm Zizurna, composto por artistas de teatro. Durante vários anos tocou tambores, painéis, baldes... Recentemente descobriu como tocar com o seu próprio corpo.

Ayse Akarsu

Formou-se em publicidade, escolheu *design* como profissão e na sua vida estiveram sempre presentes várias formas de arte. Iniciou-se na música tocando piano e cantando; recentemente apaixonou-se pela música corporal. Acredita que a música corporal é a forma mais natural e *naïf* para exprimir sentimentos.

© DILARA HANÇER SEBAH

OFICINA
PARA MAIORES DE 6 ANOS

ESCOLAS

16\17\18\19 MARÇO

10H TERÇA > SEXTA

22\23\24\25\26 MARÇO

10H TERÇA > SEXTA

BILHETES ■ 3€

CRIANÇAS ACOMPANHADAS

20 MARÇO 11H30 SÁBADO

BILHETES ■ 5€

ESPAÇO CCB FÁBRICA DAS ARTES

EFFECTUAR MARCAÇÃO PRÉVIA > 213 612 899

DURAÇÃO > 2H

**A MALA
DO PAI
PAMUK**

COM CARLA GALVÃO \ MARTA CARREIRAS

Numa gigante cidade turca, a rainha das cidades, estão guardados muitos segredos. Segredos às vezes encerrados em livros, em postais ilustrados, ou mesmo na linha de uma agulha, a mesma que escavou um poço de água fresca e que coseu a mala do pai Pamuk. A mala do pai Pamuk contém cheiros, sons e palavras que nomeiam pessoas baixinhas e miniaturazinhas.

Seleccionando os objectos que estão dentro da mala e organizando-os, um a um, num espaço cénico "pequeno", vamos montar uma história com a nossa voz, as nossas mãos e os nossos pés. Este momento será registado em vídeo, captando apenas o espaço, as vozes e as mãos dos narradores e depois enviado para crianças num distrito de Istambul.

OFICINA
PARA MAIORES DE 8 ANOS

CRIANÇAS SURDAS

14 MARÇO 15H SÁBADO

ESPAÇO CCB FÁBRICA DAS ARTES

BILHETES ■ 5€

EFFECTUAR MARCAÇÃO PRÉVIA > 213 612 899

DURAÇÃO > 3H

**MÚSICA PARA VER,
DANÇA PARA OUVIR** © KEITH TERRY
KEKEÇA

PERCUSSÃO CORPORAL
DA TURQUIA

COM TUGAY BASAR \ TIMUÇIN GÜRER

Utilizar o corpo humano como instrumento único e original é a proposta desta oficina destinada a surdos. Os KeKeÇa, grupo de músicos providos da Turquia, não só ajudam pessoas com problemas auditivos a descobrir os seus corpos e a música que têm dentro de si, mas também a encontrar a sua força interior, a sua criatividade e a incrível experiência de fazer parte de um grupo...

E o ponto mais espantoso da percussão corporal é que esta pode ser feita em qualquer lado, a qualquer altura e por qualquer pessoa, uma vez que não é exigido, nem sequer necessário, qualquer conhecimento prévio.

OFICINA
PARA O PÚBLICO SÉNIOR

GRAÚDOS

18\20 MARÇO

15H30 QUINTA \ SÁBADO

ESPAÇO CCB FÁBRICA DAS ARTES

BILHETES ■ 18 MAR > 3€ ■ 20 MAR > 5€

EFFECTUAR MARCAÇÃO PRÉVIA > 213 612 899

DURAÇÃO > 2H

**A MALA
DO PAI
PAMUK**

COM CARLA GALVÃO

"Escrever" na cena um fragmento de vida, inspirando-nos em Pamuk quando escreve um ensaio sobre a vida, a arte, os livros e as cidades.

Orhan Pamuk diz, citando Mallarmé, que "Tudo no mundo existe para ser posto num livro". Diz também que «A imaginação é o maior poder da humanidade». Vamos usar estes dois instrumentos, o mundo e a imaginação, para fazer uma viagem entre Lisboa e a Turquia. Recuando até ao tempo em que não existia televisão, vamos perceber que as histórias são um bem fundamental e que as podemos obter através de uma janela que se debruça numa rua de uma cidade do Ocidente ou do Oriente. Vamos contar histórias em cena, e muscular a imaginação do mundo para perpetuar a universalidade dos livros!

OFICINA
PARA PROFESSORES DE MÚSICA

13 MARÇO 15H SÁBADO

ESPAÇO CCB FÁBRICA DAS ARTES

BILHETES ■ 5€

EFFECTUAR MARCAÇÃO PRÉVIA > 213 612 899

DURAÇÃO > 3H

**MÚSICA PARA VER,
DANÇA PARA OUVIR** © KEITH TERRY
KEKEÇA

PERCUSSÃO CORPORAL
DA TURQUIA

COM TUGAY BASAR \ TIMUÇIN GÜRER

O grupo de percussão corporal KeKeÇa transforma canções tradicionais turcas em peças musicais para tocar com o corpo. Utilizar o corpo desta forma oferece aos participantes uma experiência directa de elementos musicais como a batida, o ritmo e a métrica, resultando na interiorização de capacidades rítmicas.

Bater com o pé no chão, bater com as mãos nas ancas, bater palmas e estalar os dedos são algumas das principais ferramentas que podem ser utilizadas de tantas formas quantas a nossa imaginação o permite...



Leia Pamuk
na Sala
de Leitura

A cidadela branca

Tradução de Manuela Vaz
5.ª edição, 2006, Editorial Presença
Coleção Grandes Narrativas

**Istambul: memórias
de uma cidade**

Tradução de Filipe Guerra
1.ª edição, 2009, Editorial Presença
Coleção Biblioteca do Século

Os jardins da memória

Tradução de Miguel Serras Pereira
6.ª edição, 2006, Editorial Presença
Coleção Grandes Narrativas

O meu nome é vermelho

Tradução de Filipe Guerra
1.ª edição, 2007, Editorial Presença
Coleção Grandes Narrativas

Neve

Tradução de Filipe Guerra
2.ª edição, 2008, Editorial Presença
Coleção Grandes Narrativas

**Outras cores:
ensaios sobre a vida,
a arte, os livros
e as cidades**

Tradução de Miguel Romeira
1.ª edição, 2009, Editorial Presença
Coleção Biblioteca do Século

FESTIVAL PONTES PARA ISTAMBUL

1 MARÇO > 1 ABRIL 2010

1 Mar.

SEGUNDA

18H

Inauguração da exposição
Ara Güler, Istambul Perdido
anos 50 / 60 e Istambul,
Novas realidades, Vídeo-Arte
com a presença de Laura Serani
e artistas das instalações

2 Mar. > 1 Abr.

EXPOSIÇÃO

Ara Güler *Istambul perdido* ⁴

VÍDEO-ARTE 8

Istambul, Novas realidades
de artistas turcos contemporâneos

14H>18H SEMANA
14H>19H FIM-DE-SEMANA
11H>19H DIA MUNDIAL
DA POESIA, 21 MARÇO

8 Mar.

SEGUNDA

18H CONFERÊNCIA

Istambul, capital de Pamuk ¹²
por José Riço Direitinho

21H CINEMA

Neve ¹⁵
(6 curtas-metragens
de cineastas europeus)

10 Mar.

QUARTA

18H>20H

COMUNIDADES DE LEITORES ¹²
com Alexandra Lucas Coelho

11 Mar.

QUINTA

18H>20H

COMUNIDADES DE LEITORES ¹²
com Alexandra Lucas Coelho

21H CINEMA

O gigante de olhos azuis
Nâzim Hikmet ¹⁵
de Biket İlhan

12 Mar.

SEXTA

18H>20H

COMUNIDADES DE LEITORES ¹²
com Alexandra Lucas Coelho

21H LEITURA ENCENADA

Gioconda e Si-Ya-U ¹³
de Nâzim Hikmet
por André e. Teodósio

13 Mar.

SÁBADO

17H CINEMA

Cruzando a ponte
O som de Istambul ¹⁵
de Fatih Akim

21H MÚSICA

Istanbul Oriental
Ensemble ¹⁷

14 Mar.

DOMINGO

17H MÚSICA \ DANÇA

Música para ver
Dança para ouvir ²¹
por KeKeÇa

17 Mar.

QUARTA

21H CINEMA

Contos de Istambul ¹⁵
de Selim Demirdelen \ Kudret Sabanci
Umit Unal \ Yücel Yolcu \ Ömür Atay

19 Mar.

SEXTA

18H CINEMA

A aldeia ¹⁵
de Nuri Bilge Ceylan

21H CINEMA

Nuvens de Maio ¹⁵
de Nuri Bilge Ceylan

20 Mar.

SÁBADO

19H MÚSICA CONTEMPORÂNEA

Turquesa ¹⁸
pela OrchestrUtopica



**PROGRAMAÇÃO
PARA CRIANÇAS,
FAMÍLIAS E ESCOLAS**
CCB FÁBRICA DAS ARTES

13 Mar.

SÁBADO

OFICINA PARA ADULTOS

15H>18H

Música para ver
Dança para ouvir ²²
por KeKeÇa

14 Mar.

SÁBADO

**OFICINA ESPECIAL PARA SURDOS
A PARTIR DOS 8 ANOS**

15H>18H

Música para ver
Dança para ouvir ²²
por KeKeÇa

16-19 Mar.

TERÇA > SEXTA

OFICINA PARA ESCOLAS
1.º \ 2.º \ 3.º CICLOS

10H>12H

A mala do pai Pamuk ²²

20 Mar.

SÁBADO

**OFICINA PARA CRIANÇAS A PARTIR
DOS 6 ANOS E FAMÍLIAS**

11H30>13H30

A mala do pai Pamuk ²²

22-26 Mar.

SEGUNDA > SEXTA

OFICINA PARA ESCOLAS
1.º \ 2.º \ 3.º CICLOS

10H>12H

A mala do pai Pamuk ²²

www.ccb.pt

Bilheteira online
traga os seu bilhete de casa

CARTÃO AMIGO CCB

utilize o Cartão Amigo CCB

Informações > www.ccb.pt

amigoccb@ccb.pt > tel. 213 612 700 > recepção Centro de Reuniões